

# Ensinamentos sobre Os Doze Atos da Vida do Buddha

---



*Sua Santidade o 42<sup>a</sup> Sakya Trizin,  
Ratna Vajra Rinpoche*



*Publicado por The Sakya Tradition*



Publicado por *The Sakya Tradition*

[www.sakyatradition.org](http://www.sakyatradition.org)

Email : [info@sakyatradition.org](mailto:info@sakyatradition.org)

Wechat ID: sakyatradition

Weibo: sakyatradition

IG: the\_sakya\_tradition

Facebook: TheSakya

Soundcloud: the-sakya-tradition

<https://www.youtube.com/@tradicaosakya>

Twitter: Sakya\_Tradition

Esta obra destina-se a distribuição gratuita e é estritamente proibida a sua venda.



Esta obra encontra-se sob a proteção de *Creative Commons* CC – BYNC – ND (Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações), licença 4.0 de direitos autorais.

A cópia ou impressão é permitida, desde que sem intuito comercial e com atribuição da autoria.

Para mais informações, consulte a licença *Creative Commons*.

# Agradecimentos

## **O Auspicioso Tendrel deste Livro**

Sua Santidade o 42<sup>a</sup> Sakya Trizin, Ratna Vajra Rinpoche ofereceu esta série de ensinamentos em língua Tibetana através de vídeos durante a ocasião sagrada de Saga Dawa em 2020, comemorando a vida de Buddha Śākyamuni: o seu nascimento, a sua iluminação e o seu parinirvāṇa. Sua Santidade deu instruções à nossa equipa para traduzir estes ensinamentos em diferentes línguas.

Na auspiciosa ocasião de Saga Dawa de 2024, os textos em inglês e chinês deste ensinamento foram traduzidos a partir do tibetano, editados e publicados pela *The Sakya Tradition, Inc.* – uma organização sem fins lucrativos dedicada a preservar e tornar amplamente disponíveis os preciosos ensinamentos do Dharma da gloriosa linhagem Sakya. Para além disso, a nossa equipa traduziu e publicou este ensinamento em espanhol e português. A versão tibetana deste ensinamento foi editada e será também publicada.

Esta obra foi uma grandiosa maṇḍala, [que resulta do] esforço coletivo que contou com a contribuição de muitas pessoas –

[saṅgha] monástica e laica de todo o mundo – representando [assim] os seguidores de Buddha dentro da escola Sakya, escolas do Budismo Tibetano e não só. Simboliza uma iniciativa não-sectária, unindo-nos a todos como seguidores de Buddha.

## **Agradecimentos**

Esta obra foi patrocinada principalmente pelo nosso patrono de longa data, a família Chan juntamente com os generosos donativos de Anal Sanchez Felix, Cheah Poh Kheng, Cheah Poh Kwai, Cheah Poh Peng, Edouard Kuoy, Gerald Keane, Helen Hong, Isabella Fehler, Jozef Wist, Lee Chee Kong, Mai Ruibin, Maria Julia Silva, Olli Hartikainen, e Zeng Zipin.

Estendemos a nossa sincera gratidão a todos os eruditos, praticantes, tradutores, editores e à equipa de publicação que estiveram envolvidos neste projeto pela sua dedicação e esforço na compilação deste ensinamento. Um agradecimento especial a Jigme Khyentse Rinpoche, Tulku Pema Wangyal, Khenpo Chenyang, Khenpo Ngawang, Geshe-la, Lama Sonam, Lama Kunga, Ani Tashi, Ani Rigzin; Drupchen, Dani, Marina, Elisa, Ana, Gustavo, and Robert from Dharma Sagar; André, Ana-Paula, Margarida Rocha, and Luciana from Padmakara; John, Jampa, Yangchin, Lhamo, Yuan, Gyatso, Lin, Caroline, Dewayne, Maria da Conceição, Bodhi, Thubten, Li, Yan, Jing, Huang, Anita, Maria Costa, Maria Julia, Cibebe, Ricardo, Zhang, Nancy, Javi, Echo, Grace, Alan, Bob, Choden, David, Jessica, Wei, Sun, Hui, Anthony, Isabella, Wolfgang, Hildegard, Tobias, Martina, Jutta, Nancy, Theamjanya, Thammabut, Wisetchai,

Saengwat, Yuan, Loong, Tiffany, Jigme, Carmen, Bogdan, e Marian. Estendemos também a nossa gratidão àqueles cujos nomes foram inadvertidamente omitidos.

A cópia eletrónica deste livro está arquivada e o seu download gratuito está disponível na E-Biblioteca dos Ensinos Sakya, que é financiada pela Fundação Sachen, a Família Chan e o Fundo Benemérito da Família Yueh.

### **Dedicatória**

Que todos os detentores autênticos da linhagem e Mestres budistas, incluindo Sua Santidade Sakya Trichen bem como S.S. 42º e 43º Sakya Trizins, desfrutem de saúde perfeita e vidas muito longas, e continuem a girar a roda do Dharma. Que o genuíno, puro e ininterrupto dharma de Buddha floresça por toda a parte, permanecendo para sempre. Que todos os seres sencientes acumulem rapidamente mérito e sabedoria, e alcancem o completo despertar. Que a paz prevaleça em todas as direções. E que todos possam se inspirar e beneficiar com este trabalho!

*Sarvamangalam,*

A Equipa de Publicação e a Direção de *The Sakya Tradition*



## INSIGHTS DA HISTÓRIA DE VIDA DE BUDDHA ŚĀKYAMUNI

Já alguma vez pensaram como é possível alcançar a budeidade, apesar de sabermos que todos nós possuímos a natureza de buddha?

Felizmente, Buddha Śākyamuni, a figura histórica, ilustra o caminho para iluminação. Toda a história da sua vida, especialmente os doze grandes atos, esclarecem-nos sobre as dificuldades da vida e a busca do profundo despertar.

A história de Buddha demonstra-nos que a transcendência da existência comum para a budeidade é de fato possível. Mesmo para aqueles que ainda não estejam a considerar a procura pela iluminação, cada uma dos doze atos oferecem insights da experiência humana, revelando que a sua sabedoria não se aplica apenas à busca espiritual mas é também muito benéfica para a vida mundana.

Que encontrem inspiração e força através da leitura desta história intemporal, e que ela vos conduza a uma viagem de auto-descoberta e de desenvolvimento espiritual.

# ÍNDICE

Introdução	1
O Primeiro Ato: Descida do Céu de Tushita	13
O Segundo Ato: Entrada no ventre de sua mãe	21
O Terceiro Ato: Nascimento	25
O Quarto Ato: Maestria sobre as Artes e os Ofícios Tradicionais	36
O Quinto Ato: Desfrute da Companhia da Rainha	40
Sexto Ato: Renúncia à Vida Doméstica	47
O Sétimo Ato: Suportando as Austeridades	53
O Oitavo Ato: Aproximação do Despertar	59
O Nono Ato: Conquista das Hordas de Mara	64
O Décimo Ato: O Despertar Completo	69
O Décimo Primeiro Ato: Girar a Roda do Dharma	77
A Décimo Segundo Ato: A Demonstração de sua Passagem para o Parinirvana	84
Considerações Finais	91
Notes	97
Supplementary Figures	100

# Introdução

**A**gora é a época auspiciosa do Saga Dawa e, por isso, pensei em falar sobre as qualidades e atividades iluminadas dos segredos inconcebíveis do corpo, fala e mente do nosso professor, o Buddha perfeito.

Em primeiro lugar, como afirma o *Sutra do Éon Afortunado*<sup>[1]</sup>, os períodos nos quais um Buddha aparece no mundo são geralmente conhecidos como “éons de luz”. O período atual é um éon de luz, uma vez que um buddha realmente surgiu neste mundo. Além disso, conforme declarado no *Sutra dos Segredos Inconcebíveis*<sup>[2]</sup>, mil buddhas aparecerão durante este éon. É por isso que dentre os éons de luz, o atual é considerado um éon afortunado.

Dos mil buddhas que deverão aparecer, dentre eles, Krakucchanda 'O Destruidor da Existência Cíclica', Kanakamuni 'O Sábio Dourado', e Kashyapa 'O Protegido pela Luz' já surgiram no passado. O professor do nosso tempo presente, o Bhagavan, o inigualável

Rei dos Shakyas, é chamado de 'O Quarto Guia' porque ele é o quarto na sucessão desses mil buddhas.

No início, o Quarto Guia, nosso mestre, o Bhagavan, era exatamente como nós. Ele era um indivíduo comum, que experienciou o sofrimento, as causas do sofrimento, assim como muitas emoções aflitivas, as quais o compeliram a vagar pelos três reinos da existência cíclica, exatamente como nós. No entanto, como Arya Nagarjuna diz no *Louvor às Oito Estupas*:

*Você que primeiro concebeu a mente do despertar supremo,  
reuniu as acumulações por três incontáveis éons<sup>[3]</sup>,  
E então derrotou os quatro maras que criam obstáculos<sup>[4]</sup>,  
Leão Bhagavan, a você eu presto homenagem.*

Assim, no início, ele gerou a mente do despertar supremo. Durante o período intermediário, ele reuniu as acumulações por três incontáveis éons. E no final, ele alcançou a iluminação completamente manifesta. Quanto à geração da mente do despertar supremo, o *Sutra do Éon Afortunado* diz:

*Anteriormente, quando eu era apenas um ser senciente inferior,  
ofereci uma única porção de comida ao Tathagata Shakyamuni<sup>[5]</sup>,  
E concebi pela primeira vez a mente do despertar supremo.*

Outras escrituras, tais como o *Sutra da Retribuição da Bondade*<sup>[6]</sup>, o *Sutra dos Três Montes* e o *Sutra do Lótus Branco Compassivo*<sup>[7]</sup> mencionam várias outras maneiras de conceber a mente do despertar supremo, as quais são as diferentes formas pelas quais ele gerou a mente do despertar perfeito durante suas várias vidas anteriores. Então, com relação a como ele reuniu as acumulações por três incontáveis eras, geralmente recitamos o seguinte:

*Que através deste mérito possamos rapidamente aperfeiçoar*

*As acumulações de mérito e sabedoria,*

*E possamos alcançar os dois kayas supremos,*

*Nascidos do mérito e da sabedoria.*

Portanto, mérito e sabedoria precisam ser acumulados. A acumulação de mérito consiste em ações como praticar generosidade, manter disciplina ética e cultivar paciência. Da mesma forma, também consiste, com os nossos corpos, em oferecer prostrações e circundar estupas. Com a nossa fala, nós tomamos refúgio e recitamos o mantra *mani* e com a nossa mente, mantemos fé e confiança em nossos gurus e nas Três Joias. Paralelamente e de acordo com a prática dos quatro pensamentos incomensuráveis, principalmente o amor e a compaixão incomensuráveis, e com a intenção de

beneficiar todos os seres sencientes, o acúmulo de mérito inclui ações como oferecer ajuda aos pobres e aos desamparados e proporcionar o bem-estar dos outros tanto quanto possível.

A acumulação de sabedoria, por outro lado, afirma-se que é a experiência prática da verdadeira natureza dos fenômenos, que é o significado da vacuidade alcançado por meio do escutar, do contemplar e do meditar. Assim, essas são as duas acumulações: mérito e sabedoria.

O resultado dessas acumulações é o estado de buddha manifesto e perfeito, é a liberação de todos os defeitos e a obtenção completa de todas as qualidades. É o resultado último das duas acumulações de mérito e sabedoria durante três incontáveis éons. De forma mais simplificada, atinge-se a budeidade completa que não tem nenhum defeito e têm todas as qualidades.

Então, por que o Bhagavan, o Buddha perfeito, o atual Quarto Guia, apareceu no mundo humano no tempo presente? A razão é porque no passado, enquanto ele estava no caminho do treinamento, ele fez o voto de renascer no mundo humano para o bem dos futuros seres sencientes, os quais teriam vidas curtas e seriam repletos de fixações conceituais tais como as emoções negativas de apego e aversão. Suas mentes seriam difíceis de domar e eles iriam viver períodos de muitas doenças, fome e

conflitos. Eles teriam uma infinidade de visões errôneas e as visões não errôneas seriam escassas. Assim, de acordo com seus votos, o nosso professor, o Quarto Guia, veio ao mundo neste momento, o momento do conflito, quando a expectativa de vida é de 100 anos.

Em um sentido geral, a palavra em sânscrito *buddha* e em tibetano *sangye*, têm o mesmo significado. Quando o mestre Chandrakirti explica a palavra *buddha* ou *sangye* em seu autocomentário do *Adentrando o Caminho do Meio*<sup>[8]</sup>, ele afirma que isso se aplica aos Ouvintes (*shravakas*), Realizadores Solitários (*pratyekabuddhas*) e Buddhas insuperáveis, completos e perfeitos. O termo *buddha* ou *sangye* é entendido como referindo-se aos arhats-*shravakas* e aos arhats-*pratyekabuddhas*, bem como aos Buddhas perfeitos. O significado de *sangye* é o seguinte:

*"Tendo purificado (sang) o sono da inconsciência*

*e desenvolvido (gye) a inteligência acerca de tudo que pode ser conhecido,*

*um buddha é purificado e desenvolvido como um lótus.*

*Portanto, ele é conhecido como sangye".*

Os buddhas são assim chamados porque purificaram (*sang*) o sono da ignorância, bem como desenvolveram (*gye*) inteligência

acerca de tudo que pode ser conhecido. A expressão tibetana "remover (*sang*) a tristeza" descreve o mesmo processo. Como um buddha abandonou ou purificou (*sang*) todos os defeitos do sofrimento, ações negativas, obscurecimentos emocionais e obscurecimentos cognitivos, a palavra *sang* (*purificar*) faz parte da palavra que os descreve. Por outro lado, a palavra desenvolvido (*gye*) significa "ter aprimorado" (*yar gye*) no sentido de que um buddha perfeito é alguém que atingiu o ponto máximo de aprimoramento.

Para os arhats shravakas e pratyekabuddhas, 'desenvolvido' (*gye*) é usado no sentido de ter alcançado o ponto final de aprimoramento de acordo com os seus respectivos ensinamentos. Quanto aos buddhas, uma vez que o estado de buddha perfeito é o ponto final de desenvolvimento, o termo 'desenvolvido' se aplica a eles em seu máximo sentido. De qualquer forma, mesmo que a expressão 'desperto' (*buddha, sangye*) seja aplicada a todos os três, isto é, shravakas, pratyekabuddhas e buddhas, quando falamos nos buddhas perfeitos, ela deve ser entendida como aquele que alcançou o estado de budeidade como resultado de ter realizado as acumulações ao longo de três incontáveis éons, como afirma a tradição de ensinamentos dos textos sânscritos — independente de serem buddhas perfeitos conforme a descrição contida no Paramitayana ou no Vajrayana.

Então, os buddhas perfeitos podem ser distinguidos em termos de seus kayas de diversas formas, mas no contexto da presente elaboração, nós iremos abordar isso com base nos três kayas: o dharmakaya, o sambhogakaya e o nirmanakaya. O dharmakaya é o conhecimento da mente do buddha, isto é, a consciência pura (*yeshe*) do buddha, a consciência última, o conhecimento último. O sambhogakaya é a manifestação da consciência última do buddha em forma corpórea, a manifestação corpórea que possui as trinta e duas marcas maiores e as oitenta marcas menores<sup>[9]</sup>. Esses buddhas concedem continuamente apenas os ensinamentos Mahayana para o séquito dos grandes seres nobres e os bodhisattvas sublimes, e eles habitam permanentemente no reino Insuperável Plenamente Ornamentado<sup>[10]</sup>.

Por último, o nirmanakaya é a emanção de um buddha que assume uma variedade de aspectos. E, para o benefício de incontáveis seres sencientes a terem suas mentes domadas, manifesta-se em qualquer forma que corresponda aos anseios de tais seres. Existem diferentes tipos de nirmanakayas, dentre eles, o nosso Quarto Guia Shakyamuni é um Nirmanakaya Supremo.

Uma pequena parte das infinitas qualidades do Buddha Bhagavan pode ser apresentada por meio da descrição das qualidades do corpo, das qualidades da fala e das qualidades da mente. Em termos de qualidades do corpo, o nosso Professor

Bhagavan pode beneficiar seres sencientes manifestando, em um único instante, um grande número de corpos em diferentes lugares para uma grande variedade de seres a serem domados. Como um outro exemplo, o Bodhisattva Vegadhara se elevou no ar cada vez mais alto para ver a extremidade superior da protuberância do topo da cabeça do Buddha. Ele alcançou o pico da Montanha Meru, então o Céu dos Trinta e Três, e ainda assim não foi capaz de avistar o seu topo. Essas são as qualidades inconcebíveis do corpo do Buddha.

Quanto às qualidades da fala do Buddha:

*Quando ele declara uma única expressão,*

*Ela é ouvida de inúmeras formas,*

*Com cada ser ouvindo de uma maneira particular.*

Cada expressão pronunciada pelo Buddha é capaz de manifestar o Dharma de acordo com a disposição, desejo e intenção de cada discípulo, e uma única declamação é ouvida como o Dharma que cada ser a ser domado visa ouvir. Aqueles que desejam ouvir sobre refúgio, por exemplo, ouvirão um ensinamento sobre refúgio, aqueles que intencionam ensinamentos sobre bodhichitta ouvirão ensinamentos sobre bodhichitta, aqueles que desejam ensinamentos sobre amor ouvirão ensinamentos

sobre amor, e aqueles que desejam ensinamentos sobre compaixão ouvirão ensinamentos sobre compaixão. Além disso, não apenas os seres sencientes serão capazes de ouvir os ensinamentos que desejam receber, mas também o farão em sua própria língua. Qualidades como essas são as qualidades inconcebíveis do discurso do Buddha.

Continuando, quanto às qualidades da mente do Buddha, ele possui a consciência última que conhece a realidade tal como ela realmente é, e a consciência última que percebe tudo que existe. Como exemplo, o Bhagavan Buddha entende o funcionamento da lei de causa e efeito nos mínimos detalhes, sem qualquer exceção. Quanto a nós, seres comuns, apenas entendemos as causas e efeitos kármicos de maneira grosseira, no sentido de saber que sementes plantadas no solo darão origem a colheitas ou que uma semente resultará em flor depois de plantada. Essas ideias grosseiras da lei de causa e efeito são tudo o que somos capazes de entender. Somos incapazes de conhecer todos os aspectos sutis da causalidade. Não podemos explicar por que certas frutas, como as maçãs, algumas vezes são vermelhas e outras verdes. Não sabemos o motivo específico de uma maçã ser vermelha, nem o motivo específico de uma maçã ser verde, e não sabemos por que algumas são doces e outras são azedas. Não somos capazes de explicar essas diferenças. O Bhagavan Buddha, por outro lado, compreende completamente a lei sutil da causalidade em tais casos.

Além disso, quando consideramos nossas próprias vidas, não conhecemos as circunstâncias de nossa vida anterior, muito menos o tipo de família em que nascemos em inúmeras vidas anteriores ou que tipo de coisas fizemos naqueles momentos. Tampouco sabemos em que tipo de família nasceremos durante vidas infinitas no futuro, em que tipo de ações nos envolveremos e que tipo de felicidade e sofrimento experienciaremos. Porém, o Buddha possui uma consciência pura dotada de conhecimento claro e completo de tudo isso de forma muito detalhada. Qualidades como estas apenas sugerem quão infinitas e para além de qualquer medida são as qualidades que ele possui.

Em Adentrado o Caminho do Meio<sup>[11]</sup>, o mestre Chandrakirti afirma:

*Não é em função de não haver mais espaço que um pássaro retorna,*

*Mas sim devido à capacidade limitada do próprio pássaro.*

*Da mesma forma, os bodhisattvas e os seus discípulos não podem expressar as qualidades infinitas do Buddha, que são como o próprio espaço,*

*Por essa razão, eles param.*

Conforme se afirma, quando um pássaro voa para o céu sem limites, é apenas uma questão de tempo até que ele retorne à terra ou pouse em uma árvore. O motivo pelo qual ele aterrissa

não é a falta de espaço para voar ou o fato de ter atingido os limites do espaço. Pelo contrário, é porque o próprio pássaro esgotou sua capacidade de continuar voando. Assim, o pássaro acaba pousando, empoleirado-se no topo de uma árvore ou de uma casa. Da mesma forma, quando nós, as pessoas comuns, tentamos descrever as qualidades dos buddhas, temos que parar em algum ponto. Não porque ficamos sem qualidades ou atividades para descrever, mas porque nós mesmos somos incapazes de descrever as qualidades inconcebíveis do buddha além de certo ponto. Em outras palavras, as qualidades do buddha são imensuráveis, ilimitadas e inconcebíveis.

Os ensinamentos budistas são geralmente divididos em duas tradições principais: a tradição sânscrita e a tradição pali. As posições filosóficas de cada uma delas divergem algumas vezes. Por exemplo, elas têm posições diferentes sobre o reconhecimento do nosso Mestre, o Quarto Guia Shakyamuni, como um nirmanakaya. Além disso, têm formas variadas de descrever os seus feitos. Agora, baseando-me nas qualidades inconcebíveis do corpo, fala e mente do Bhagavan Buddha, e na infinidade dos seus atos, descreverei brevemente os mais importantes, seguindo a forma como são relatados na tradição sânscrita.

Seguindo o *Sutra da Vasta Exibição*<sup>[12]</sup>, descreverei brevemente os doze atos: (1) Descida do céu Tushita, (2) Entrada no ventre

de sua mãe, (3) Nascimento, (4) Maestria sobre as artes e ofícios tradicionais, (5) Desfrute da companhia da rainha, (6) Renúncia à vida doméstica, (7) Suportando austeridades, (8) Aproximação do despertar, (9) Conquista das hordas de Mara, (10) O despertar completo, (11) Girar a roda do Dharma e (12) A demonstração de sua passagem para o Parinirvana. Como diz o venerável Protetor Maitreya no *Tratado do Continuum Insuperável*<sup>[13]</sup>:

*Depois de ter um renascimento celestial:*

*Descer de Tushita,*

*Entrar no útero e nascer,*

*Dominar as artes tradicionais,*

*Desfrutar do lazer com a rainha e seu séquito,*

*Renunciar ao lar e suportar austeridades,*

*Aproximar-se do assento do despertar,*

*Conquistar os exércitos de Mara, alcançar o despertar completo,*

*Girar a roda do Dharma,*

*E entrar em parinirvana:*

*Tais são os atos que ele demonstra em reinos impuros*

*Enquanto o ciclo da existência permanecer.*



O Primeiro Ato: Descida do Céu de Tushita

## O Primeiro Ato: Descida do Céu de Tushita

**C**omo diz o *Louvor aos Doze Atos*<sup>[14]</sup> do Vitorioso:

*O domador de deuses, sabendo que havia chegado o momento de domar a mente dos humanos...*

Nosso mestre Shakyamuni estava residindo no Céu de Tushita antes de aparecer no reino humano. Para situar Tushita, falamos sobre os três reinos dentro da existência cíclica: o reino do desejo, o reino da forma e o reino sem forma. O Samsara, que contém esses três reinos, é conhecido como a "existência cíclica dos três reinos". Em cada um dos três reinos vivem diferentes tipos de deuses. No reino do desejo, há seis tipos, no reino da forma, dezessete, e no reino sem forma, quatro. No reino do desejo, além desses seis tipos de deuses, também são encontrados outros deuses mundanos.

Os deuses de Tushita são um desses seis tipos pertencentes ao reino do desejo. Antes de entrar no reino humano, nosso

Professor Bhagavan residia no Céu de Tushita como o deus chamado Shvetaketu. Uma vez ele estava ensinando o Dharma para uma assembleia imensurável de deuses em Tushita e ele se recordou de suas aspirações e preces passadas. Os instrumentos que produziam oferendas de música emitiram a seguinte exortação: "O buddha do passado, Dipamkara, profetizou que você deveria ir para o reino humano. Por favor, lembre-se disso!"

Naquela época, o Bodhisattva estava hospedado em um palácio celestial de Tushita conhecido como Dharmochaya. Ele ensinou o Dharma enquanto ali residia, na presença de um grande séquito de milhões de deuses, todos sentados em seus próprios tronos no mesmo palácio. O Bodhisattva, o deus Shvetaketu, anunciou: "Dentro de doze anos, entrarei no ventre de minha mãe no reino humano". E assim, os deuses de Tushita foram ao reino humano e fizeram o seguinte pedido aos pratyekabuddhas: "Em doze anos humanos, o Bodhisattva entrará no ventre de sua mãe. Por favor, saiam deste reino búdico!" Eles os ordenaram a não permanecer neste reino búdico, mas a ir para outro reino humano ou algum outro lugar. Isso ocorre porque os pratyekabuddhas geralmente não permanecem no mesmo lugar onde há um buddha vivo. Assim, antes do aparecimento do Buddha, foi feito o pedido para que os pratyekabuddhas fossem para outro lugar. O som deste pedido

alcançou um pratyekabuddha chamado Matanga que vivia em Rajagriha, em uma cidade chamada Montanha Golangula Parivartana. Assim que soube do pedido, ou pouco depois, ele subiu “a uma altura de sete palmeiras”, ou cerca de dez a quinze andares. Ele levitou no ar e adentrou o equilíbrio meditativo do elemento fogo e como uma chama se apagando, ele passou para o nirvana<sup>[15]</sup>.

Nessa época, haviam quinhentos pratyekabuddhas na região de Varanasi. Quando souberam do pedido, eles também levitaram a uma altura de dez ou quinze andares no ar e, ao entrar no equilíbrio meditativo do elemento fogo, seus corpos explodiram em chamas, fazendo com que as relíquias (*ringssel*) caíssem. Varanasi tornou-se assim conhecida como Rishipatana, ou, Os Sábios Em Queda, por ser o local onde suas relíquias físicas caíram no chão. Além disso, como havia muitos cervos cujas vidas eram protegidas em Varanasi, ela também era conhecida como Mrigadava, Parque dos Cervos. Essas histórias explicam como esses dois outros nomes foram dados para Varanasi.

O bodhisattva Shvetaketu ponderou quatro considerações antes de viajar para o reino humano. Estas são geralmente descritas como sendo cinco considerações, no entanto, no *Sutra da Vasta Exibição*, apenas quatro delas são mencionadas. Em todo caso, não há realmente nenhuma contradição porque

as considerações principais são quatro: a do tempo, a do continente, a da região e a da casta. O tempo considerado é a era dos conflitos, na qual a expectativa de vida é de cem anos. O continente é o continente sul de Jambudvīpa. A região é a da cidade de Kapilavastu. Por fim, a consideração da casta abrange a casta real do pai e a casta da mãe. Assim, quando as duas castas são divididas, chegamos às cinco considerações dessas outras fontes.

Então, como foi escolhida a casta real de seu pai? Porque esta casta era, segundo todos os relatos, nobre e conhecida por todos, era dotada de disciplina e sabedoria e das sessenta e quatro qualidades. Da mesma forma, ele escolheu sua mãe, Mayadevakanta, ou Mayadevi, por ser de uma família notável, além de bela, sorridente, reservada, pacífica, disciplinada, culta e honesta. O Bodhisattva então chamou seu grande séquito de deuses e disse: “Amigos! Ouçam esses Portais para a Luz do Dharma, os quais lhe trarão satisfação. Devo ensinar esses cento e oito Portais para a Luz do Dharma para o séquito dos deuses, antes de minha morte.” Ele deu ensinamentos sobre os Portais para a Luz do Dharma, os quais são cento e oito pontos importantes ou cento e oito tópicos diferentes.

A perfeição da generosidade é um Portal para a Luz do Dharma porque é a causa das trinta e duas marcas maiores, das oitenta

marcas menores, da completa purificação dos reinos búdicos e do desenvolvimento perfeito dos seres sencientes que são gananciosos. Da mesma forma, a perfeição da disciplina também é um Portal para a Luz do Dharma porque nos permite evitar inteiramente renascimentos desfavoráveis e inferiores. Tendo abandonado totalmente todos os reinos inferiores, amadurece o fluxo mental dos seres sencientes que corromperam a disciplina. A perfeição da paciência é um Portal para a Luz do Dharma por meio do qual a malícia, a raiva, o orgulho e a arrogância podem ser abandonados, e os seres sencientes maldosos podem ser totalmente amadurecidos. Da mesma forma, a perfeição da diligência é um Portal para a Luz do Dharma que permite praticar plenamente qualquer virtude que tenha sido iniciada e, além disso, permite que os seres sencientes preguiçosos sejam totalmente amadurecidos. A perfeição da concentração meditativa é mais um Portal para a Luz do Dharma por meio do qual as mentes dos seres a serem domados são capazes de desenvolver o equilíbrio meditativo e a clarividência, bem como o amadurecimento total dos seres sencientes que estão distraídos. Da mesma forma, a perfeição da sabedoria é um Portal para a Luz do Dharma através do qual a ignorância e a escuridão da confusão podem ser removidas. Visões baseadas na imputação, visões que se apegam à características e visões incorretas podem ser abandonadas pela

perfeição da sabedoria. Ela permite o pleno amadurecimento das mentes dos seres sencientes que corromperam a sabedoria.

Em resumo, enquanto ele estava ensinando esses cento e oito Portais para a Luz do Dharma ou pontos importantes do Dharma para os deuses, oitenta e quatro mil de sua comitiva conceberam a mente suprema para despertar para a iluminação completa e perfeita. E entre estes, trinta e dois mil deuses alcançaram a aceitação da natureza não nascida das coisas. Estas foram as excelentes experiências e realizações que conseguiram obter. Em geral, falamos sobre cinco caminhos no budismo, ou os caminhos da acumulação, preparação, visão, meditação e o caminho além do treinamento. Os dois primeiros estão no nível dos seres comuns, o terceiro e o quarto estão no nível dos bodhisattvas sublimes, e o quinto é o estado de buddha. A aceitação da natureza não nascida das coisas é alcançada no nível dos seres comuns. No entanto, isso não significa seres comuns como nós, mas sim aqueles em estágio avançado de realização. Nesse ponto, essas excelentes experiências e realizações são obtidas. De qualquer forma, trinta e dois mil seres dentro do séquito de deuses alcançaram a aceitação da natureza não nascida das coisas, e diz-se que trezentos e sessenta milhões no séquito alcançaram os "olhos livres de poeira, imaculados e perfeitamente puros de Dharma".

Em suma, isso significa que trezentos e sessenta milhões alcançaram o caminho da visão.

Então, o bodhisattva Shvetaketu declarou à sua comitiva: “Eu, o bodhisattva, irei a Jambudvipa porque em tempos anteriores, enquanto praticava a conduta dos bodhisattvas, eu já havia acolhido seres sencientes através dos quatro meios de reunir discípulos”. Esses quatro meios dizem respeito à generosidade material, à linguagem agradável, às ações significativas e à prática do que se ensina. “Então agora,” ele continuou, “se eu permanecesse sem atingir o estado de buddha, não seria certo ou apropriado. Portanto, devo partir para o reino humano.” Ao ouvirem isso, os deuses e deusas de Tushita ficaram desesperados. Agarrando os dois pés de Shvetaketu, eles o olharam e disseram: “Se um ser sublime como você não residir mais aqui, então este lugar, o paraíso de Tushita, se tornará feio e desagradável. Ninguém mais desejará morar em Tushita!” O deus Shvetaketu respondeu: “O bodhisattva, o Protetor Maitreya, ensinará o Dharma a vocês como meu substituto.” Então, o bodhisattva Shvetaketu pegou seu diadema e o colocou na cabeça do Protetor Maitreya, dizendo: “No futuro, o ser sagrado, Protetor Maitreya, irá despertar depois de mim”. Concedendo essa profecia, ele entronizou o Protetor Maitreya como seu Regente, como aquele que ensinaria o Dharma aos deuses em Tushita. Essa foi a ação de entronizar o Regente.



## O Segundo Ato: Entrada no ventre de sua mãe

## O Segundo Ato: Entrada no ventre de sua mãe

**C**omo diz o *Louvor aos Doze Atos* do nosso Guia Shakyamuni:

*Descendo do reino dos deuses*

*e viajando como um elefante,*

*Você considerou a linhagem real*

*e entrou no ventre de Mayadevi,*

*a você eu me prostro.*

Assim, enquanto ainda morava em Tushita, o bodhisattva, o deus Shvetaketu, observou a majestosa morada do rei Shuddhodana no mundo humano, com seus belos jardins circundantes, quartos e assim por diante. Ele também observou as encantadoras florestas circundantes e belos jardins agradáveis. Muitas plantas e frutas diferentes estavam crescendo naquela época e as flores estavam em plena floração. Esses e outros presságios ocorreram antes do nascimento do príncipe Siddhartha. Mais tarde, a primavera veio gradualmente.

Era o último mês da temporada, quando a constelação de Saga estava no céu e as folhas das árvores tinham crescido em seu máximo. A temperatura não era nem quente nem fria, mas sim agradável. Não havia poeira no chão e a grama verde e vibrante crescia em abundância na terra. Foi nessa época que o senhor dos três reinos, o Buddha, chegou ao mundo humano.

Observando que era um período especial de adoração entre as pessoas do mundo, durante a época da lua cheia e quando a estrela Vitória estava no céu, sua mãe Mayadevakanta fez os votos de poshadha (*sojong*). Naquela época, o bodhisattva, o deus Shvetaketu, deixou o reino de Tushita na forma de um elefante com seis presas. Um elefante normalmente não é de cor branca, mas ao contrário dos elefantes comuns, este era. Os elefantes normalmente têm apenas duas presas, mas este era diferente, pois tinha seis. Este elefante branco de seis presas tinha características perfeitas, completo em todos os aspectos físicos e tinha faculdades sensoriais perfeitas, e entrou pelo lado direito do corpo da mãe.

Naquela noite, Mayadevi sonhou que um elefante prateado com seis presas e um andar agradável entrou em seu corpo. Ela experimentou um prazer físico indescritível, diferente de tudo que já experimentou, um estado de grande felicidade semelhante ao equilíbrio meditativo. Quando ela acordou,

contou ao futuro pai, o rei Shuddhodana, sobre seu sonho. O rei foi até seus oráculos e perguntou o que tais sinais e indicações em um sonho poderiam significar e eles responderam que no futuro nasceria um filho com trinta e duas marcas principais. O rei ficou extremamente satisfeito e recompensou seus intérpretes de sonhos.

A mãe Mayadevakanta mudou-se para os parques do palácio, cercada de luxos e conveniências. Ela não sentiu nenhum desconforto ou preocupação enquanto estava lá e estava em um estado extremamente feliz e alegre, assim como os deuses e deusas nos céus. Enquanto nesse estado muito feliz, ela beneficiou os seres sencientes. Por exemplo, ela deu comida e roupas para os necessitados, cavalos para aqueles que precisavam de um animal para viagens, e cobertores e moradias para os necessitados. Em suma, ela passava seu tempo cumprindo com alegria os desejos e necessidades dos seres, dando-lhes o que desejassem e praticando a generosidade de acordo com seus desejos.



### O Terceiro Ato: Nascimento

## O Terceiro Ato: Nascimento

**C**omo o *Louvor aos Doze Atos* do nosso Guia Shakyamuni diz:

*Após dez meses, o filho do Rei dos Shakyas*

*Nasceu no auspicioso bosque Lumbini.*

*Para aquele que é reverenciado por Brahma e Shakra,*

*cujos nome é supremo e que sem dúvida pertence*

*à linhagem da Iluminação, eu me curvo.*

Assim, tendo passado dez meses no útero de sua mãe, a hora havia chegado para o bodhisattva nascer como um príncipe. Os jardins do Rei Shuddhodana floresceram por inteiro: lótus azuis e brancos e também lírios floresceram nas lagoas. Cerca de oito árvores preciosas apareceram. Um filhote de leão das neves desceu das montanhas nevadas e passeou alegremente por Kapilavastu. Mesmo quando o filhote parava nas portas das casas ele não machucava ninguém. Da mesma forma, na floresta de árvores shala, os deuses das árvores foram vistos

manifestando a parte superior de seus corpos sobre as copas das árvores e fazendo prostrações. Muitos sinais e indicações maravilhosos como esses aconteceram.

Então, quando Mayadevi, ou Mayadevakanta, percebeu que havia chegado a hora do Bodhisattva nascer, ela disse ao Rei Shuddhodana: “Preciso expressar o que penso, meu rei, por favor ouça. Em breve irei aos belos jardins onde todas as árvores shala floresceram, onde os cucos estão cantando e onde as lindas melodias dos pavões ressoam pela floresta. Por favor, conceda-me a permissão.”

O rei ficou muito encantado e ordenou aos seus serviçais que decorassem o bosque de Lumbini com joias preciosas e que cobrissem as árvores com véus vermelhos. Ele disse-lhes que Lumbini deveria ser coberto com flores e, portanto, eles deveriam criar muitos arranjos florais. E quando todos os preparativos estivessem prontos, eles deveriam relatar ao rei. Assim, de acordo com as ordens do rei, eles decoraram as árvores perfeitamente e arrumaram muitas flores diferentes por todo Lumbini, e então relataram tudo ao rei.

Cercada por muitas carruagens puxadas por cavalos e por elefantes, repletas de ornamentos, Mayadevi viajou até lá acompanhada por “uma escolta de homens destemidos

e habilidosos em domar, dotada de membros nobres, e perfeitamente equipada com armaduras”. Isso significa que ela foi escoltada por guardas corajosos, fortes e que vestiam suas armaduras com perfeição.

Muitas jovens do clã Shakya caminharam à frente dela, assim como muitos parentes do Rei Shuddhodana – jovens, idosos e adultos – que vieram para protegê-la. Havia também donzelas-devas, donzelas-kimnaras, donzelas-gandharvas, donzelas-nagas e donzelas-semideusas<sup>[16]</sup> acompanhando-na. Mas elas não usavam roupas comuns. Todas usavam suas melhores e mais elegantes vestimentas e estavam adornadas com joias. Elas cantavam, dançavam e entoavam louvores acompanhados de música. Elas vieram se encontrar com Mayadevi e a seguiram. Além disso, a floresta de Lumbini estava “ungida de água perfumada”: água perfumada havia sido borrifada pelo chão, assim como muitas flores divinas.

Mayadevi chegou à floresta de Lumbini e, ao descer da carruagem, os guardas mencionados, assim como as donzelas shakya, devas, nagas e assim por diante, circumambularam-na muitas vezes. Juntas, elas caminharam e procuraram por um bom lugar na floresta, olhando a base de muitas árvores. Elas encontraram uma árvore muito especial e preciosa com galhos largos e folhas de coloração esplêndida. Nela, cresciam muitas

flores dos reinos humano e celestial. Esta árvore plakṣa brilhava radiante, cintilando como uma joia preciosa, e era uniforme como a palma de uma mão. Assim, elas foram para o pé dessa grande e magnífica árvore. Devido à majestosa presença e ao poder do bodhisattva, a árvore plakṣa se curvou completamente em reverência à mãe Mayadevi. Ela estendeu sua mão direita para a árvore plakṣa e segurou um galho e, naquele exato momento, o príncipe nasceu. Muitas donzelas celestiais do reino do desejo se aproximaram para ajudar e para venerar Mayadevi. Então, Shakra, o rei dos deuses, e Brahma, o senhor do universo Saha, vieram cumprimentar a mãe e colocaram o bodhisattva, o jovem príncipe, sobre uma seda celestial. Naquele momento, os dois reis nagas, Nanda e Upananda, manifestaram metade de seus corpos no espaço em frente a eles e emanaram uma corrente de água fresca e uma de água morna, com as quais o jovem príncipe foi banhado.

Então, o grande bodhisattva viu que não havia ninguém superior a ele neste triquiliocosmo. Em seguida, o jovem príncipe sentiu um total destemor e, sem hesitação, sem ansiedade, sem receios e sem se sentir intimidado, falou o seguinte: “Eu irei adiante naquilo que não foi ensinado por ninguém, irei adiante nas raízes da virtude dos bodhisattvas” o que significa que ele iria praticar um dharma que ninguém mais havia descoberto e que ele alcançaria o estado de buddha.

Então, ele deu sete passos em cada uma das quatro direções. No *Sutra do Encontro entre Pai e Filho*<sup>[17]</sup>, é dito que uma flor de lótus brotou nas quatro direções em cada ponto que ele pisou. Quando seu pai, o Rei Shuddhodana viu isso, ele prestou a seguinte homenagem ao seu filho:

*“Quando você, o melhor dentre os bípedes, nasceu,*

*Você deu sete passos nesta grande terra*

*Dizendo ‘eu sou supremo neste mundo.’*

*A você, que já era sábio, eu me curvo.”*

Assim, ele deu sete passos em cada uma das quatro direções e proclamou destemidamente: “Este é meu último nascimento. Eu colocarei um fim ao nascimento, envelhecimento, doença e morte.” Como ele iria alcançar o estado de buddha posteriormente, ele disse que esta seria sua última demonstração de nascimento, envelhecimento, doença e morte. Naquele período, as árvores floresceram em cada universo e excelentes frutos brotaram por todo triquiliocosmo. Pessoas avarentas ficaram livre de sua mesquinhez, seres sofrendo com doenças ficaram livres de suas mazelas, e seres sofrendo de fome e sede ficaram livres da fome e da sede. Além disso, aqueles que haviam enlouquecido recobriram a sanidade, os

cegos agora podiam ver e os surdos podiam ouvir. Os pobres ganharam riquezas e os prisioneiros foram soltos. Os seres nos infernos, como o de Avichi, foram libertados de seus sofrimentos. Estes foram os maravilhosos sinais e indicações que aconteceram.

Além disso, quando o bodhisattva nasceu, quinhentos filhos de famílias nobres também nasceram ao mesmo tempo. Da mesma forma, dez mil meninas nasceram, entre elas, Yashovati, assim como oitocentas filhas e quinhentos filhos nasceram nas famílias dos servidores, sendo Chanda um deles. Dez mil potras e dez mil potros também nasceram, sendo Kanthaka um deles. Estes foram os sinais e indicações que aconteceram. Além disso, quinhentos novos parques apareceram e cinco mil tesouros emergiram da terra tornando-se visíveis.

Assim, todas as intenções do Rei Shuddhodana foram perfeitamente realizadas. Mais tarde, quando ele pensou qual nome dar ao jovem príncipe, ele lembrou que logo após o nascimento do bodhisattva, todos os seus desejos tinham sido cumpridos. Por essa razão, ele pensou em dar-lhe o nome de Sarvarthasiddha, “O Realizador de Todos os Propósitos.” Então, o Rei Shuddhodana organizou uma grande cerimônia de nomeação e ofereceu a ele o nome de Príncipe Realizador de Todos os Propósitos, que foi reduzido para Realizador dos Propósitos, ou Siddhartha, em sânscrito.

Todos os sábios externalistas<sup>[18]</sup> de Jambudvīpa que possuíam as cinco clarividências vieram voando pelo céu e apresentaram-se perante o Rei Shuddhodana. Eles expressaram suas aspirações, como “Possa o Rei prosperar!” Durante uma semana após seu nascimento, o Príncipe Siddhartha permaneceu no bosque de Lumbini enquanto deuses e humanos ofereciam música e prestavam-lhe reverências e homenagens. De maneira similar, multidões de deuses se reuniam e expressavam sua alegria. Passada uma semana, sua mãe Mayadevi faleceu e renasceu no Céu dos Trinta e Três. Eventualmente, os anciões do clã Shakya se reuniram para discutir quem dentre as mulheres seria capaz de cuidar do recém nascido Príncipe Siddhartha. Quem iria nutrir e protegê-lo.

Então, quinhentas donzelas Shakya se apresentaram e disseram que elas seriam capazes de fazer isso, mas os anciões Shakya sentiram que, como essas donzelas eram meninas impetuosas, orgulhosas e vaidosas, elas não seriam capazes de cuidar do bodhisattva e de suas necessidades. No entanto, havia também Mahaprajapati, irmã de Mayadevi, que também era uma das consortes do rei. Ela disse-lhes: “Eu cuidarei dele. Já estou fazendo isso e continuarei assim.” Trinta e duas amas, então, foram designadas para esse serviço.

Naquela época, um grande sábio chamado Asita, que possuía as cinco clarividências, morava nas encostas do Himavat com Naradatta, o filho de sua irmã. Quando Siddhartha nasceu, eles testemunharam muitas exibições mágicas no céu. Vendo isso, o Rishi Asita usou seu olho divino para observar o mundo de Jambudvipa e, dessa forma, ele viu que o filho do Rei Shuddhodana havia nascido em Kapilavastu e ele possuía o brilho do mérito, era louvado pelo mundo inteiro, e era adornado com as trinta e duas marcas de um grande ser. Ele comentou com seu sobrinho Naradatta: “Um jovem príncipe com as trinta e duas marcas nasceu em Kapilavastu, a grande cidade dos Shakyas, na casa do Rei Shuddhodana. Se ele permanecer no palácio, ele se tornará um monarca universal. Se ele deixar sua casa e ingressar na vida de um renunciante, ele se tornará desperto.” Então, eles decidiram partir para Kapilavastu para conhecer o príncipe. Como os reis dos cisnes, Asita e Naradatta voaram pelo céu até a cidade de Kapilavastu usando seus poderes mágicos. Eles chegaram aos portões do Rei Shuddhodana em Kapilavastu e Asita disse ao guarda: “Eu gostaria de me encontrar com o rei. Por favor, o informem.” O pedido foi reportado ao rei, e este disse para que eles deixassem o grande sábio entrar.

O rishi Asita se aproximou do rei e ofereceu desejos auspiciosos como “Vida longa ao Rei! Que ele possa governar de acordo com

o Dharma!” O rei deu as boas vindas, fez oferendas e o convidou para se sentar. Então, ele perguntou respeitosamente: “Por que veio até aqui?” O sábio Asita respondeu: “Grande Rei, um filho nasceu para você. Nós viemos conhecê-lo.”

“O Príncipe Siddhartha está dormindo no momento,” disse o rei, “por favor, esperem um pouco até que ele acorde.” O sábio respondeu: “Um grande ser como ele não dorme por muito tempo.” Então, devido a sua consideração por Asita, o Príncipe Siddhartha deu sinais de estar acordando. O Rei pegou o Príncipe Siddhartha com as duas mãos e o mostrou ao sábio. Naquele momento, Asita viu que o príncipe era perfeitamente adornado com as trinta e duas marcas maiores e as oitenta marcas menores de um grande ser e era mil vezes mais esplêndido do que Brahma, Shakra e os guardiões do mundo. Ele viu que o poder e a majestade do jovem príncipe eram mais de mil vezes maiores que os de Brahma e Shakra. O grande sábio expressou sua admiração dizendo: “Oh! Que ser maravilhoso apareceu neste mundo!” Levantando-se, ele juntou suas mãos, curvou-se em homenagem aos pés do Príncipe Siddhartha e o circumambulou três vezes.

Enquanto o grande sábio Asita segurava o bodhisattva Siddhartha em seu colo, ele pôde ver claramente as trinta e duas marcas que o adornavam. Ele sentiu uma mistura de

alegria e tristeza e lágrimas caíram de seus olhos. Notando isso, o rei perguntou: “Há algo errado? Algum infortúnio cairá sobre o príncipe?” Asita explicou que suas lágrimas eram por ele mesmo e não por ter visto algo desvirtuoso, inauspicioso ou qualquer falha no príncipe. O grande sábio disse que ele chorava porque ele já tinha uma idade avançada e logo morreria, e mesmo assim, o Príncipe Siddhartha iria manifestar a iluminação completa, perfeita e insuperável com absoluta certeza. Então, tendo alcançado a iluminação para o benefício do mundo e dos deuses, ele ensinaria o Dharma excelente, o Dharma autêntico que é virtuoso do começo ao fim, que possui um significado excelente, palavras excelentes, não se confunde e é completo, perfeitamente puro e perfeitamente sublimado. No entanto, o grande sábio Asita não seria capaz de se encontrar com o Buddha pois ele já estava bem velho, e foi por isso que ele chorou. Ele explicou tudo isso ao rei, e então deu a seguinte profecia: “Grande Rei, as trinta e duas marcas maiores e as oitenta menores que o príncipe possui significam que ele não permanecerá no palácio. Ele irá certamente renunciar à vida comum e alcançará o perfeito estado de buddha.” Então, o Rei Shuddhodana ofereceu ao grande sábio Asita e ao seu sobrinho Naradatta uma farta refeição e os circumambulou. Depois disso, Asita voou magicamente pelos ares de volta a sua morada.



## O Quarto Ato: Maestria sobre as Artes e os Ofícios Tradicionais

## O Quarto Ato: Maestria sobre as Artes e os Ofícios Tradicionais

O Rei Shuddhodana e sua comitiva realizaram uma elaborada celebração onde dez mil jovens e dez mil donzelas conduziram o caminho à frente do jovem Príncipe Siddhartha. Oito mil deusas adornaram-se suntuosamente e, usando joias, foram à frente do jovem bodhisattva Siddhartha limpando o caminho. Da mesma forma, deuses, nagas, yakshas, gandharvas, semideuses, garudas, kimnaras e mahoragas<sup>[19]</sup>, manifestaram a metade superior de seus corpos, atiraram flores do céu e estenderam lenços de seda. Além disso, O Rei Shuddhodana e o Príncipe Siddhartha conduziram o caminho para o clã dos Shakyas. Foi assim que o Príncipe Siddhartha foi levado para a escola de escrita.

Assim que ele chegou, perguntou a Vishvamitra, o professor: “Mestre, que tipo de escrita você irá me ensinar? Será a escrita Brahmi? A escrita do país de Magadha? Ou você vai ensinar a escrita Kanisha? A escrita Gandhari? Ou, talvez, a escrita Kimnari?” Depois de ter sido perguntado qual das 64 escritas

seria ensinada, Vishvamitra, o professor, ficou impressionado e sorriu. “Eu não conheço essas escritas,” disse ele, “eu nunca tinha ouvido falar delas.” Mais tarde, quando o professor pronunciava uma letra do alfabeto para as crianças repetirem, através do poder do bodhisattva Siddhartha, cada letra era seguida de uma frase do Dharma. Assim, surgiam inúmeros ensinamentos maravilhosos do Dharma e as mentes de um grande número daquelas crianças amadureceram ao ponto delas gerarem pensamentos visando o despertar completo, perfeito e insuperável.

Em outra ocasião, quando o Príncipe Siddhartha estava um pouco mais velho, ele e alguns outros jovens foram visitar uma vila de fazendeiros. Depois da visita, o jovem príncipe foi sozinho para um parque, sem nenhum de seus amigos. Ele viu um belíssimo jambeiro ali e, sob sua sombra, sentou-se de pernas cruzadas. Ali, o bodhisattva alcançou uma concentração unifocada. Ele se tornou livre das desvirtudes, acompanhado de pensamento e análise, dotado de discernimento e imbuído da alegria e do prazer que surgem da solitude. Ou seja, ele alcançou o primeiro nível de concentração meditativa<sup>[20]</sup> e permaneceu nesse estado. Gradualmente, ele atingiu a segunda concentração, seguida da terceira e da quarta concentrações, permanecendo em cada uma delas.

Naquele momento, os Shakyas perceberam que o jovem Siddhartha havia sumido e partiram em sua busca. Um ministro da corte encontrou o Príncipe Siddhartha no parque, sentado de pernas cruzadas, praticando a concentração meditativa sob a sombra de uma árvore jambu. As sombras das outras árvores que o rodeavam já haviam se movido completamente e elas não mais proporcionavam nenhum sombreado. No entanto, a sombra da árvore sob a qual o bodhisattva estava sentado não o abandonou. Vendo isso, o ministro ficou impressionado e, cheio de alegria, correu de volta para contar o que ele tinha visto ao Rei Shuddhodana. O rei, por sua vez, se apressou até o jambu e ele também ficou impressionado e muito feliz quando viu o Príncipe Bodhisattva sentado em concentração meditativa, radiante e majestosamente.



O Quinto Ato: Desfrute da Companhia da Rainha

## O Quinto Ato: Desfrute da Companhia da Rainha

Como é dito no *Louvor aos Doze Atos* do nosso Guia Shakyamuni:

*Para adequar-se aos costumes do mundo,  
e evitar comportamentos inadequados,  
você usufruiu de uma rainha e sua comitiva,  
governando, assim, seu reino com meios hábeis.  
A você eu me curvo!*

O Príncipe Siddhartha havia crescido, e quando o Rei Shuddhodana e os Shakyas estavam reunidos em uma assembleia, alguns dos anciãos disseram: “Majestade, o senhor bem sabe que os sacerdotes que lêem sinais e indicações já deram a profecia de que, caso ele renuncie à vida comum, o Príncipe Siddhartha irá se tornar um buddha. Caso ele não se torne um renunciante, ele será um monarca universal, um

rei do Dharma muito justo que conquistará os quatro cantos do mundo e estará em posse dos sete tesouros. Portanto, nós precisamos arranjar um casamento para o Príncipe. Uma vez casado e rodeado de mulheres, ele começará a desfrutar destes prazeres e não irá mais renunciar à vida comum. Desse modo, nossa dinastia não será interrompida e os outros reis não farão nenhuma crítica. Ao contrário, eles irão venerá-lo e oferecer seu apoio.”

O rei ordenou que eles encontrassem um par adequado para o príncipe e quinhentos Shakyas se pronunciaram, dizendo, cada um, que sua filha era adequada e digna de se tornar a rainha do Príncipe Siddhartha. “Já que Siddhartha é realmente extraordinário, nós precisamos consultá-lo diretamente,” disse o rei. Assim que todos se reuniram e informaram ao Príncipe Siddhartha que ele deveria escolher uma rainha, ele respondeu que estava plenamente ciente dos inúmeros problemas do desejo. “Eu sei que o desejo é a raiz dos conflitos, ressentimentos, sofrimentos e miséria.” Todos sabemos que mesmo em um ambiente familiar comum às vezes há discussões, brigas e ressentimentos devido à antipatia mútua e a muitos outros sofrimentos similares. E assim, dado que o Príncipe Siddhartha sabia de tudo isso, ele afirmou que não desejava se envolver com os objetos dos prazeres sensoriais. “Eles são como as folhas de uma planta venenosa letal.”

Considerando os problemas de se entregar aos desejos, ele disse que, ao invés disso, ele ficaria em silêncio, permanecendo na floresta, aperfeiçoaria sua habilidade nos métodos e então realizaria o despertar para amadurecer os seres sencientes.

Mais tarde, o Bodhisattva Siddhartha refletiu: "Os bodhisattvas do passado viveram junto com suas rainhas e filhos. Eles desfrutaram dos prazeres sensoriais, mas sem apegos ou fixações. Da mesma forma, serei como uma bela flor de lótus que surge da lama e da sujeira, mas permanece imaculada pelas impurezas e pelo barro." Considerando aceitar o casamento e obter um numeroso séquito para cuidar daqueles seres que seriam guiados, ele disse ao rei: "Se eu puder encontrar uma mulher que tenha qualidades como honestidade, integridade e prudência, e não ter defeitos como inveja ou falsidade, e que possua bondade amorosa por todos os seres sencientes e se deleite com a generosidade, então a aceitarei como minha rainha."

Assim que ouviu isso, o rei ordenou ao sacerdote da família: "Grande ministro! Vá a Kapilavastu e veja se há uma jovem com tais qualidades. Não importa se ela é da casta real, sacerdotal, mercantil ou servil". Em outras palavras, não importa se ela fosse de uma casta alta ou baixa. Ele deveria procurar por qualquer moça que possuísse tais qualidades. Seguindo essa

ordem, o sacerdote da família, esse grande ministro, percorreu diversos vilarejos e cidades em busca de uma jovem assim, mas não conseguiu encontrar nenhuma. Ao entrar na casa de Shakya Dandapani, ele viu uma jovem bonita e atraente, que era como uma joia preciosa. A jovem perguntou: "Grande sacerdote, qual é o seu objetivo?" Ele explicou que estava procurando por uma jovem com certas qualidades, uma moça digna de ser a rainha do Príncipe Siddhartha, o filho do Rei Shuddhodana, que possuía as trinta e duas marcas de um grande ser. Enquanto explicava isso, a jovem sorriu e disse: "De fato, possuo todas essas qualidades. Se eu puder agradar ao Príncipe Siddhartha, não permita nenhum atraso!"

O grande ministro voltou ao Rei Shuddhodana e relatou que havia encontrado uma jovem que possuía essas qualidades e que vivia na casa de Shakya Dandapani. O rei enviou o ministro de volta com uma mensagem solicitando que a mão de sua filha fosse dada em casamento ao Príncipe Siddhartha, tornando-se assim sua rainha. Após ler a mensagem, Shakya Dandapani disse que, para isso, o pretendente precisaria dominar todas as artes atléticas que são as habilidades especiais do clã Shakya. Caso contrário, ele não a daria em casamento. Como o Príncipe Siddhartha havia passado seu tempo se divertindo no palácio real, ele não dominava nenhuma dessas artes, como o tiro com arco, luta, combate, atletismo, entre outras. Portanto, Shakya

Dandapani encerrou sua resposta dizendo que não daria sua filha Gopa em casamento.

Ao ler a resposta, o Rei Shuddhodana ficou profundamente abatido. Vendo sua expressão entristecida, o Príncipe se aproximou e perguntou: "Meu Rei, por que você parece tão triste e chateado?" O rei contou o que havia na carta, explicando o motivo de sua situação. "Quem em Kapilavastu pode competir comigo nas artes atléticas?" perguntou Siddhartha ao seu pai. O rei repetiu a mensagem que havia recebido e explicou que essa era a causa de sua tristeza. O Príncipe perguntou novamente: "Há alguém nesta cidade que possa competir comigo nas artes?" Rindo, o rei perguntou se ele poderia demonstrar tal habilidade. "Posso demonstrar minhas habilidades na frente de todos os que dominam essas artes" respondeu Siddhartha. O Rei Shuddhodana então pediu para que o sino fosse tocado e anunciou que todos os atletas deveriam se reunir para uma competição que ocorreria daqui sete dias.

Após o anúncio, quinhentos jovens atletas chegaram, e Gopa, a filha de Shakya Dandapani, foi apresentada como a recompensa para o vencedor. O juramento foi feito para que quem ganhasse a competição asseguraria sua mão em casamento. Com as apostas feitas, os jovens competiram em diversas artes, como esgrima, luta, combate, tiro com arco e atletismo. O Príncipe

Siddhartha mostrou sua superioridade e venceu todas elas. Assim, Gopa foi oferecida a ele em casamento. Então, vivendo em meio ao seu cortejo, o Príncipe recebeu oferendas contínuas de belas canções e músicas extraordinárias, e ele se deleitou e desfrutou de uma série de prazeres sensoriais, comportando-se muito bem de acordo com os costumes do mundo. Foi assim que, em sua grande compaixão, o Bodhisattva cuidou muito bem da rainha e do cortejo de suas consortes. Assim, até a idade de vinte e nove anos, o Príncipe tomou conta dos assuntos do estado e ampliou vastamente seu domínio.



## O Sexto Ato: Renúncia à Vida Doméstica

## O Sexto Ato: Renúncia à Vida Doméstica

Como é dito no *Louvor aos Doze Atos* do nosso Guia Shakyamuni:

*Vendo que as atividades samsáricas não têm sentido,*

*Você deixou seu lar e, viajando pelos céus,*

*Diante da Stupa da Grande Pureza,*

*Assumi de si mesmo os votos de um renunciante.*

*A você eu me curvo!*

Uma noite, enquanto dormia, o Rei Shuddhodana sonhou que o Bodhisattva Siddhartha, cercado por uma multidão de deuses, havia se ordenado e usava as vestes de um renunciante. Quando o rei acordou, ele achou que o príncipe poderia deixar o palácio, que os presságios de seu sonho talvez se concretizassem. Isso o deixou profundamente preocupado. Assim, ele começou a elaborar uma ideia: "Se o Príncipe Siddhartha for impedido

de sair dos jardins reais e for mantido no palácio, se ele for impedido de entrar na cidade e estiver completamente cercado por muitas donzelas, ele ficará distraído e não tomará a ordenação." Dessa forma, para que o Príncipe Siddhartha se deleitasse com esses prazeres, o Rei Shuddhodana construiu novos palácios que fossem agradáveis para cada estação do ano. Um palácio onde o príncipe ficaria durante o outono e outro onde ficaria durante o inverno, e assim por diante. Ele designou quinhentos guardas para cada um dos palácios e garantiu que estivessem repletos de inúmeros estímulos prazerosos. Encheu-os com os sons e melodias de canções e música, e assegurou-se de que constantemente houvessem jovens donzelas ao redor do Príncipe.

Então, um dia, Siddhartha chamou seu cocheiro, Chanda, e pediu-lhe para preparar sua carruagem. Chanda relatou isso ao Rei Shuddhodana, que deu ordens para que a cidade de Kapilavastu fosse limpa nos próximos sete dias. A fim de remover qualquer inauspiciosidade e feiura, Kapilavastu seria decorada com plantas e jardins, e toda a cidade seria embelezada e adornada com guarda-sóis e estandartes reais, dosséis e pendões. O rei fez com que a cidade fosse minuciosamente preparada, deslumbrante e agradável.

Sete dias depois, o Príncipe Siddhartha montou em sua carruagem e deixou o palácio pelo portão leste. Pelo poder do

Bodhisattva, um deus das esferas puras assumiu a aparência de um velho na estrada por onde o Príncipe estava viajando. Ele viu esse velho decrépito: suas veias e tendões visivelmente saltados, sua pele coberta de rugas e pêlos frágeis. Ele estava curvado e, embora se apoiasse em uma bengala, seus membros tremiam e balançavam. Em outro dia, o Príncipe Siddhartha deixou o palácio do rei pelo portão sul, onde viu um homem doente que não tinha ninguém para cuidar dele. Não havia médico ou enfermeiro, e nenhum tratamento que ele pudesse seguir. Ele não tinha absolutamente nada e ninguém para protegê-lo ou ajudá-lo.

Ainda em outro dia, o príncipe saiu do palácio em sua carruagem pelo portão oeste, onde viu o corpo de uma pessoa morta. O cadáver estava cercado por parentes e amigos, todos chorando, sofrendo, de coração partido e lamentando de forma que todos podiam ouvir. Ele viu essas diversas situações: um homem velho, um homem doente e um cadáver, após sair pelos portões leste, sul e oeste. "Os três reinos da existência cíclica não têm nenhuma essência digna", ele pensou. Vendo a futilidade do saṃsāra, a renúncia nasceu em seu coração. De forma geral, a renúncia é explicada como a intenção de alcançar a libertação ou o estado de onisciência após abrir mão desta vida e do saṃsāra.

Novamente, noutro dia, o Príncipe Bodhisattva subiu em sua carruagem e partiu pelo portão norte. Mais uma vez, pelo poder do Bodhisattva, um deus se manifestou como um monge: pacífico, casto e controlado. O monge não ficava olhando para lá e para cá, nem para longe no horizonte. Ele mantinha seus olhos pacificamente focados a cerca de dois metros à sua frente. Seu comportamento era belíssimo. Além disso, ele usava a veste superior e a externa, e carregava uma tigela de mendicante. Siddhartha perguntou ao seu cocheiro Chanda quem era aquela pessoa. "É alguém que abandonou completamente os entretenimentos da existência cíclica e que se tornou um renunciante", respondeu Chanda. "Ele busca a paz do nirvãna e, livre do apego e da aversão, vive de esmolas." O Príncipe decidiu que, sete dias depois, ele também se tornaria um renunciante. Pensando que não seria certo deixar de compartilhar seus planos com o grande Rei Shuddhodana e simplesmente abandonar seu lar sem permissão, ele pediu: "Por favor, permita-me tornar-me um renunciante". O rei respondeu: "Darei a você tudo o que precisar, mas por favor não se ordene. Por favor, permaneça no palácio." O grande ser Siddhartha respondeu: "Nesse caso, me dê a liberdade das doenças, velhice, morte e decadência." O rei não tinha como conceder isso.

Suspeitando que o Príncipe Siddhartha estava prestes a se tornar um renunciante, o Rei Shuddhodana ordenou que o

clã Shakya guardasse os quatro portões do palácio. Assim, quinhentos jovens, quinhentas carruagens e quinhentos soldados foram posicionados, enquanto os anciões shakya patrulhavam as estradas e cruzamentos. Tudo estava sendo vigiado para que o Príncipe não pudesse sair.

Na noite em que o Bodhisattva pretendia se tornar um renunciante, ele fez diversas grandes aspirações como: "Que eu possa proclamar o som do Dharma a todos os seres sencientes! Eu removerei a escuridão da ignorância de todos os seres sencientes." Por volta da meia-noite, ele saiu com seu cocheiro Chanda e deixou a cidade de Kapilavastu. Quando o dia raiou, Siddhartha chegou à Stupa da Grande Pureza, tirou todas as joias de seu corpo e as deu a Chanda, juntamente com seu cavalo Kanthaka, para serem devolvidos, e depois enviou o cocheiro de volta a Kapilavastu. O Príncipe deu suas próprias roupas a um deus que se manifestara na forma de um caçador, e que lhe deu roupas de cor açafrão em troca. Em seguida, por amor a todos os seres sencientes e a fim de amadurecê-los, o Príncipe Siddhartha cortou o próprio cabelo, exibindo assim o ato de receber de si mesmo a condição de renunciante ou "auto-ordenação".



### O Sétimo Ato: Suportando as Austeridades

## O Sétimo Ato: Suportando as Austeridades

O Príncipe Bodhisattva foi para a grande cidade de Vaishali, onde Arada Kalama residia, juntamente com um séquito de trezentos discípulos. Ali, o Mestre Arada ensinava as práticas relacionadas à esfera da ausência total<sup>[21]</sup>. Quando ele viu o bodhisattva Siddhartha se aproximando à distância, ele ficou maravilhado e disse aos seus alunos: "Oh! Olhem bem para ele!" Quando seus discípulos avistaram o corpo de Siddhartha, também ficaram maravilhados. Então, o príncipe foi até o local onde o Mestre Arada residia e disse que estava ali para aprender práticas espirituais e assim, pretendia aceitá-lo como seu professor. O Mestre Arada respondeu: "Gautama, se você fizer isso com fé, você se tornará realizado com pouco empenho e pouco esforço!" O Bodhisattva Siddhartha respondeu que de fato tinha fé e diligência, assim como atenção plena, samadhi e sabedoria. Ele então perguntou ao Mestre Arada se ele conhecia algum ensinamento mais elevado do que a esfera da ausência total. "Não conheço nenhum ensinamento mais elevado do que

esse", respondeu o mestre. O príncipe Siddhartha comentou que ele também já conhecia esse ensinamento. "Nesse caso", disse o Mestre Arada, "nós dois deveríamos conceder esses ensinamentos aos discípulos". Mas Siddhartha respondeu que esses ensinamentos da esfera da ausência total não trazem a liberação definitiva dos três reinos da existência cíclica. Pensando que deveria encontrar um caminho superior, um ensinamento superior a esse, ele partiu.

O Príncipe Bodhisattva viajou para o reino de Magadha. Ele viajou sozinho para Rajagriha e outras cidades, indo de uma cidade para a outra e vivendo das esmolas que recebia pelo caminho. Um dia, ele conheceu o grande Bimbisara, rei de Rajagriha, e estabeleceu assim uma conexão espiritual duradoura, dando-lhe ensinamentos sobre a inutilidade dos objetos dos sentidos, descrevendo como os prazeres sensoriais não têm nenhuma essência.

O príncipe Siddhartha foi, então, ao encontro do Mestre Rudraka, com quem aprendeu e aperfeiçoou os ensinamentos sobre o estado sem percepção nem não-percepção. "Você possui algum ensinamento mais elevado do que esse?" ele então perguntou ao Mestre Rudraka, que respondeu não ter nenhum ensinamento mais elevado. O príncipe bodhisattva pensou consigo mesmo: "Os ensinamentos sobre essa concentração

meditativa não trazem a liberação definitiva do samsara. Além disso, ao aplicá-los, a liberação do apego e a completa paz das emoções aflitivas ou do sofrimento não podem ser alcançadas". Esse ensinamento não levará ao estado de buddha. Assim, ele decidiu ir embora.

Nesse período, os cinco excelentes discípulos estavam observando o celibato e estudando sob a orientação do Mestre Rudraka. Eles ponderavam: "Não importa o quanto treinemos nos ensinamentos da esfera sem percepção nem não-percepção com o Mestre Rudraka, não conseguimos alcançar maestria. Por outro lado, Gautama, o renunciante — ou seja, o bodhisattva Siddhartha — foi capaz de dominá-la com pouco esforço. Ele agora foi em busca de um caminho superior com a firme intenção de se tornar o guia do mundo". Assim, os cinco excelentes discípulos decidiram deixar o Mestre Rudraka para se juntar ao bodhisattva. Decidindo segui-lo, eles foram às margens do rio Nairañjana, ao sul de Gaya, e ali permaneceram.

O Príncipe Bodhisattva praticou austeridades durante seis anos. Com o poder do samadhi do espaço onipresente, ele bloqueou a respiração que fluía por sua boca, narinas e ouvidos. Naquela época, um deus se deparou com o Bodhisattva e pensou: "Oh não! Que tristeza! Parece que o Príncipe Siddhartha deixou este mundo". O deus foi até o Céu dos Trinta e Três, onde residia a

mãe de Siddharta, Mayadevakanta, e disse a ela que o Príncipe Siddhartha havia falecido. Cercada por um séquito de jovens deusas, Mayadevi foi para as margens do rio Nairañjana por volta da meia-noite. O príncipe parecia tão debilitado que aparentava ter morrido. Seus olhos se inundaram de lágrimas e ela começou a chorar, lamentando: "Quando você, Príncipe Siddhartha, nasceu em Lumbini, você deu sete passos em cada uma das quatro direções e disse: 'Este é meu último renascimento', agora, essas palavras jamais se realizarão! O grande rishi Asita profetizou que você seria um buddha. No entanto, a profecia falhou. Meu filho, você ainda não teve as alegrias das riquezas de um monarca universal e faleceu sem alcançar o despertar! Quem poderia conceder ao meu filho mais tempo de vida, mesmo que só um pouco?" Siddhartha perguntou quem estava ali se lamentando e chorando de tal maneira. "Sou eu, sua mãe, quem o manteve por dez meses em meu ventre como um diamante", respondeu ela, continuando a descrever todas as dificuldades que havia suportado por ele. Então, o Bodhisattva Siddhartha disse: "Você que tanto amava e tinha tanto carinho por mim, seu filho, estou garantindo que todo o esforço que você fez, se tornará significativo". Ele continuou: "Abandonei todas as preocupações para alcançar a iluminação perfeita e assim como Asita profetizou, isso acontecerá". Assim que a mãe ouviu essas palavras, sentiu uma

grande alegria. Ela ficou arrepiada e então espalhou flores de mandarava sobre o bodhisattva antes de circumambulá-lo três vezes. Radiante, ela retornou à sua própria morada no Céu dos Trinta e Três junto de seu séquito. O bodhisattva Siddhartha continuou a praticar austeridades, e sua condição física piorou ainda mais. Além de estar extremamente abatido fisicamente, alguns fazendeiros próximos vieram insultá-lo e machucá-lo. No entanto, por mais que o atormentassem, o bodhisattva demonstrava a ação de permanecer absolutamente imóvel, em equilíbrio meditativo unificado.



O Oitavo Ato: Aproximação do Despertar

## O Oitavo Ato: Aproximação do Despertar

Quando atingiu trinta e cinco anos de idade, o príncipe Siddhartha emergiu do samadhi de seus seis anos de austeridade. Ele percebeu que essas austeridades não levavam à budeidade, e portanto, não eram um caminho para o despertar. Ele pensou que se despertasse com um corpo extremamente enfraquecido, apenas pelo poder de sua clarividência e consciência pura, isso não seria compassivo com os seres sencientes, e além disso, esse caminho de austeridades seria extremamente difícil de ser seguido pelos seres. Assim, depois de considerar: "Vou recuperar minha força física comendo alimentos sólidos. Depois disso, alcançarei o despertar", ele se alimentou. Vendo isso, os cinco excelentes discípulos julgaram que o mendicante Gautama não apenas fora incapaz de alcançar a consciência pura sublime – em outras palavras, o despertar completo - por meio do caminho das austeridades, como também, estava se alimentando. Consequentemente, acreditaram que ele era apenas mais um ser comum e pararam

de segui-lo, antes de partirem para a floresta de cervos na região de Varanasi.

A pessoa que ofereceu comida ao Príncipe Bodhisattva era uma camponesa chamada Sujata, que havia enviado dez jovens de sua aldeia para vê-lo. Elas lhe ofereceram mingau e ele aceitou. Ao ingerir essas refeições, sua força física aumentou progressivamente. Ele também recuperou parte de seu brilho anterior, ficando conhecido como "O Monge Belo" ou "O Bodhisattva Monge Belo". Algum tempo depois, Sujata, a filha do fazendeiro, preparou um mingau de leite feito com a essência extraída do leite de mil vacas, ao qual adicionou um pouco de mel. Ela o despejou em uma tigela de ouro e o ofereceu. O bodhisattva perguntou à Sujata o que ele deveria fazer com essa tigela dourada e ela disse para guardá-la. "Mas eu não preciso dela", ele disse. "Bem, então, faça como quiser", ela respondeu. "Normalmente, quando faço uma oferenda de alimento, sempre a ofereço junto com o recipiente. Nunca faço uma oferenda sem o recipiente". Assim, o Príncipe Bodhisattva pegou o mingau de leite com mel que havia sido colocado na tigela e desceu até as margens do Nairañjana. Ele se banhou, comeu o mingau e sem nenhum sentimento de apego, jogou a tigela de ouro nas águas do rio Nairañjana. Assim que ela atingiu a água, um rei nāga que vivia lá buscou com grande devoção e respeito a preciosa tigela na qual o monge Gautama havia comido e a levou de volta

para seu reino, pensando: "Isso é digno de veneração!" Depois de terminar a refeição, o Príncipe Siddhartha manifestou novamente as trinta e duas marcas maiores e as oitenta marcas menores de um grande ser, bem como um halo de luz de quase dois metros de diâmetro ao redor de seu corpo.

Mais tarde, a fim de conquistar os maras, o grande ser vestiu o manto celestial de cor açafrão. Então, pensando que os buddhas anteriores haviam arranjado relva para se sentarem quando alcançaram o despertar manifesto e completo, ele viu que o vendedor de relva Svastika estava cortando uma relva macia, fresca e de cheiro doce que tinha uma tonalidade maravilhosa. O Bodhisattva foi até ele e disse:

*"Svastika, me entregue essa relva rápido!*

*Hoje essa relva será muito importante para mim.*

*(...)*

*Se hoje você me conceder essa relva,*

*Você colherá o poder do mérito ilimitado!*

*Para você, isso nada mais é do que um sinal que anuncia*

*Que você se tornará um professor insuperável!"*

Ouvindo essas palavras encantadoras, Svastika alegrou-se, então, empolgado e com satisfação, ofereceu a relva ao Príncipe Siddhartha.

O Bodhisattva pegou o punhado de relva macia e perfeita e caminhou em direção à árvore Bodhi em Bodhgaya. Ele a arrumou de modo que suas extremidades apontassem para dentro e sentou-se nessa almofada de relva voltada para o leste. Em seguida, tomou a firme decisão de não se mover desse assento até atingir o nível do despertar completo e exibir o feito de entrar em um samadhi unificado.



O Nono Ato: Conquista das Hordas de Mara

## O Nono Ato: Conquista das Hordas de Mara

**N**o dia anterior ao qual o grande ser Siddhartha alcançaria o perfeito estado de buddha, hordas malignas de maras<sup>[22]</sup>, yakshas, kumbhandas, mahoragas, rakshasas e devoradores de carne manifestaram suas formas terríveis. Eram tão aterrorizantes que, só de vê-los, os corações das pessoas disparavam. Alguns tinham dois rostos, outros três ou quatro, ou até mesmo milhares ou dez milhões de faces. Eles rugiam inúmeras ameaças como: "Peguem aquele monge Gautama! Esmaguem ele! Prendam e amarrem ele! Cortem-ne e fatiem!" Alguns deles estavam derrubando montanhas enormes, tão grandes quanto o Meru, o rei das montanhas. Eles faziam sons ensurdecedores ao revolverem os grandes oceanos. Lançavam raios em direção ao bodhisattva e despejavam sobre ele chuvas de espadas, rodas, martelos, flechas, lanças, pedaços de ferro e outras armas extremamente afiadas e assustadoras. Também atiravam sobre ele avalanches de pedras e chuvas de fogo vajra ardente.

No entanto, pelo poder de nunca prejudicar os seres e gerar constantemente amor e compaixão para com todos os seres sencientes, sem qualquer apego ou aversão tanto aos queridos quanto aos inimigos, aquelas chuvas de pedras, de armas e tudo mais se transformaram em chuvas de flores que pousaram no corpo do bodhisattva.

Quando Mara, o perverso, chamou o bodhisattva, dizendo: "Escute, jovem príncipe, levante-se da sua meditação! Pare de meditar! Vá governar seu reino! Com base em quê essa quantidade ínfima de virtude poderia te levar à iluminação? Isso é impossível." O Filho dos Vitoriosos respondeu: "Você, Mara, através de um único ato de generosidade sem restrição, tornou-se o senhor do reino do desejo. Eu, por outro lado, realizei trilhões de atos de generosidade sem restrições. Dei tantas vezes minhas mãos a quem pediu mãos, minhas pernas a quem pediu pernas, meus olhos a quem pediu olhos e minha cabeça a quem pediu uma cabeça. Sem o menor apego ou sensação de perda, tantas vezes dei aos mendigos minha casa, riquezas, alimentos, camas, roupas e jardins."

Mara, o perverso, respondeu: "Que testemunha você tem para todos esses atos de generosidade? Sem uma testemunha, não há sentido em falar sobre eles." O bodhisattva respondeu: "Mara, a terra é minha testemunha", e tocou gentilmente o chão

com sua mão. Assim que o bodhisattva tocou esta grande terra, ela tremeu e a Deusa da Terra, chamada Sthavara, junto com seu séquito de um bilhão de deusas da terra, revelou sua parte superior. Ela curvou-se para o bodhisattva, juntou as palmas das mãos e disse: "Você está certo, Grande Ser, você está certo. É exatamente como você diz." Ela pôde afirmar isso porque viu diretamente e testemunhou pessoalmente cada ato. As hordas de demônios, impotentes, sem encontrar mais nenhuma chance para prejudicar ou causar obstáculos, desapareceram.

Naquele momento, Mara sentiu-se frustrado e decidiu trapacear. Para manipular o bodhisattva e criar obstáculos, ele emanou muitas garotas-mara, lindas e atraentes, com vozes sedutoras e muito hábeis nas artes eróticas, dominando diversos estilos de dança. Elas executaram muitas danças e cantaram canções envolventes com suas belas vozes. No entanto, o bodhisattva, em meditação unificada, permaneceu perfeitamente tranquilo. Nem mesmo um único pêlo de seu corpo se moveu apesar de todos os esforços delas. As garotas-mara então se dispersaram, ficando tão distantes umas das outras que não se encontrariam antes de muito tempo se passar.

Em resumo, o Bodhisattva Siddhartha conquistou o Mara e todas as suas hordas através do poder de sua constante meditação na bondade amorosa, na prática da compaixão e

incontáveis outras virtudes. Naquele momento, uma multidão inimaginável de Maras gerou a intenção de alcançar o despertar sublime de um buddha.



## O Décimo Ato: O Despertar Completo

## O Décimo Ato: O Despertar Completo

**C**omo é dito no *Louvor aos Doze Atos* do nosso Guia Shakyamuni:

*Para dar sentido a todos os esforços desde o tempo sem início,  
você se sentou, imóvel, na postura vajra  
de baixo da árvore bodhi em Magadha, e alcançou a iluminação.  
A você, cujo despertar foi completo, eu me curvo.*

Foi em Bodhgaya que nosso Guia, o Bhagavan, tornou-se um buddha. Como foi mencionado anteriormente, ele permaneceu em meditação unificada e conquistou todos os maras, ou os quatro maras, na noite anterior ao seu despertar. À meia-noite, ele entrou em equilíbrio meditativo e, ao amanhecer no décimo quinto dia de Vaishakha, nosso Guia alcançou o despertar completamente manifesto sob a árvore Bodhi.

Ao atingir o estado de buddha, o Bhagavan aperfeiçoou o conhecimento da natureza última de todos os fenômenos, a habilidade de perceber as capacidades individuais de cada ser senciente, e o abandono de todo o sofrimento em todo o samsara e nirvana, assim como as causas do sofrimento: os dois obscurecimentos junto com suas tendências habituais. Em resumo, ele manifestou plenamente a perfeição última e completa das qualidades de abandono e realização, o estado de onisciência.

Depois que o Tathagata alcançou a iluminação, ele olhou para a árvore bodhi e disse: "Aqui, despertei completa e evidentemente para o perfeito estado de buddha." E também: "Neste lugar, coloquei um fim aos sofrimentos sem início do nascimento, da velhice e da morte." Quando ele nasceu em meio a maravilhas inimagináveis no bosque de Lumbini, o Bhagavan deu sete passos em cada uma das quatro direções e declarou que este seria seu último nascimento, que ele cortaria pela raiz o nascimento, a velhice e a morte. Isso agora estava realizado. Da mesma forma, a profecia do grande sábio Asita fora cumprida.

Na primeira semana após seu despertar, o Tathagata permaneceu perto da árvore bodhi. Durante a segunda semana, ele viajou extensamente por toda a vastidão do triquiliocosmo.

Durante a terceira semana, olhando fixamente para a árvore bodhi, ele disse: "Depois de alcançar o despertar insuperável, autêntico e completo, encerrei os sofrimentos sem início do nascimento, da velhice e da morte." Então, durante a quarta semana, o Tathagata caminhou, desta vez viajando do oceano no leste ao oceano no oeste.

Mara, o perverso, se aproximou do Tathagata e disse: "Já que agora chegou o momento do Bhagavan entrar em parinirvana, que o Sugata passe para o parinirvana!" A estas palavras, o Tathagata respondeu que os oponentes em disputa deveriam ser derrotados de acordo com o Dharma, que a confiança deveria ser suscitada neles, e que eles deveriam ser ensinados juntamente com várias exibições mágicas. Até então e até que os sons das Três Joias – Buddha, Dharma e Sangha – ressoarem por todo este mundo, ele não entraria em parinirvana.

Então, durante a quinta semana, o Tathagata ficou no domínio do rei naga Muchilinda. Na sexta semana, ele foi até uma árvore banyan de um pastor de cabras e foi avistado nas margens do rio Nairañjana por alguns charakas, nirgranthas, parivrajakas, ajivikas e outros. Eles perguntaram: "O Bhagavan Gautama se saiu bem?" Em outras palavras, eles perguntaram se, seguindo um caminho para a felicidade, ele alcançara o resultado da

felicidade. O Bhagavan respondeu: "Feliz é a solidude daquele que é contente, que ouviu o Dharma e pode ver o Dharma. Feliz é a recusa de ferir os seres vivos. Feliz é a transcendência das ações negativas, evitando qualquer ação negativa e sendo livre do apego. Felicidade suprema é dominar o egoísmo e o orgulho." Orgulho é o pensamento "Eu! Eu!" que nós temos. Ele continuou sua resposta com explicações como: "Este mundo é atormentado pelo desejo de prazeres sensoriais".

Durante a sétima semana, o Vitorioso profetizou o despertar dos dois comerciantes Trapusha e Bhallika, e os alegrou com versos como:

*Que os auspícios celestiais, que realizam os objetivos*

*e levam o bem-estar para todas as dez direções,*

*cumpram todos os seus objetivos!*

*Que tudo seja prontamente favorável!*

Junto com seus companheiros, eles tomaram refúgio no Buddha. Tais foram as atividades do Tathagata durante a sétima semana.

Em seguida, o Bhagavan sentou-se ao pé da árvore da liberação e teve o seguinte pensamento:

*Que pena! Essa verdade que eu percebi, o perfeito despertar, é profunda, pacífica, completamente calma, inacessível ao intelecto, inexprimível por palavras. Como não pode ser mostrada e transcende todos os conceitos, mesmo se eu a ensinasse aos outros, eles não a entenderiam. Assim, permanecerei em silêncio sem ensinar a ninguém.*

Naquele momento, ele declamou estes versos:

*Profunda, pacífica, além dos conceitos, luminosa e não-composta:*

*Essa é a verdade semelhante ao néctar que encontrei.*

*Mesmo que eu a ensinasse, ninguém entenderia,*

*Sendo assim, permanecerei na floresta, em silêncio.<sup>[23]</sup>*

Assim, o Vitorioso não ensinou nada durante as sete semanas que se seguiram à sua iluminação, durante as sete semanas entre o décimo quinto dia do quarto mês tibetano até o quarto dia do sexto mês tibetano. Então, o Bhagavan disse:

*Com minha infinita compaixão pelo mundo inteiro,*

*Eu não demoro quando os seres pedem a mim.*

*Todos eles têm fé em Brahma e, por isso,*

*quando ele solicitar-me, irei girar a Roda do Dharma.*

O Buddha quis dizer que ele não ensinaria a pedido de ninguém, exceto do próprio Brahma, uma vez que toda a população tinha fé em Brahma. Então, cercado e escoltado por um séquito de seis milhões e oitocentos mil, Brahma se dirigiu ao Tathagata. Quando chegou, ele se curvou aos pés do Tathagata e fez o pedido para girar a Roda do Dharma. Para gerar respeito pelo Dharma, a fim de aumentar a raiz da virtude fazendo com que Brahma solicitasse repetidamente o Dharma, o Bhagavan não concordou com esse primeiro pedido. O Tathagata não consentiu em ensinar após um único pedido para aumentar o respeito pelo Dharma, para que ele fosse altamente valorizado no mundo e fosse recebido com apreço.

Vendo isso, o Grande Brahma foi ao reino de Shakra, o senhor dos deuses. Quando chegou, disse a ele: "É preciso pedir ao Tathagata que gire a roda do Dharma. Devemos fazer esse pedido juntos." Ambos, Brahma e Shakra, se aproximaram do Tathagata, curvaram-se aos pés dele e Shakra solicitou atenciosamente que girasse a Roda do Dharma. Então, o senhor dos deuses, o Grande Brahma do Alto Cabelo Preso, também conhecido apenas como Brahma, dirigiu um segundo pedido ao Tathagata.

Minha narrativa sobre a vida do Buddha é baseada no sutra *A Vasta Exibição*, no qual não se encontra menção de que uma

roda dourada de mil raios e uma concha que torce para a direita foram oferecidas em conjunto com o pedido para girar a Roda do Dharma. Assim, essas oferendas devem ter sido relatadas em outro sutra, não no *A Vasta Exibição* que estou consultando.

Depois desses pedidos, o Bhagavan disse:

*Ó, Brahma, os portões do néctar estão abertos  
para os seres de Magadha  
que têm ouvidos e devoção,  
que escutam constante e atentamente,  
sem prejudicar os outros.*

Quando o senhor dos deuses, o Grande Brahma do Alto Cabelo Preso, compreendeu que o Tathagata havia concordado, ele se alegrou, cheio de satisfação. Extremamente feliz e extático, ele se curvou mais uma vez aos pés do Tathagata e então desapareceu.



## O Décimo Primeiro Ato: Girar a Roda do Dharma

## O Décimo Primeiro Ato: Girar a Roda do Dharma

**C**omo diz o *Louvor aos Doze Atos* de nosso Guia Shakyamuni:

*Homenagem a você que em sua compaixão,*

*Olhou para os seres vivos*

*E girou a Roda do Dharma em lugares sagrados como Varanasi,*

*Estabelecendo discípulos nos três veículos.*

Nesse momento, os quatro deuses da árvore Bodhi chamados Dharmaruchi, Dharmakama, Dharmamati e Dharmacharin, curvaram-se aos pés do Tathagata e perguntaram: "Onde o Bhagavan girará a roda do Dharma?" À pergunta deles, o Tathagata respondeu que ensinaria em Varanasi.

Eles disseram: "Bhagavan, a cidade de Varanasi tem uma população limitada". Isso é o que o sutra *A Vasta Exibição* relata. Os deuses disseram que o Parque dos Cervos tinha apenas uma quantidade limitada de sombras de árvores em comparação com outras cidades que eram mais ricas, tinham melhores

colheitas, populações maiores e eram embelezadas com jardins mais agradáveis. Eles pediram que o Tathagata girasse a Roda do Dharma Sagrado em um desses outros locais. Mas o Tathagata respondeu: "Não digam isso! Varanasi era o lugar preferido dos sábios do passado". Portanto, antes do nosso Guia vir ao mundo dos homens, Varanasi era o lugar onde viviam quinhentos pratyekabuddhas ou sábios. O Tathagata explicou ainda que muitos buddhas anteriores haviam girado a Roda do Dharma nesse lugar.

Nosso mestre, o Bhagavan, pensou ainda que seus cinco companheiros anteriores se adequariam a ouvir seus ensinamentos em Varanasi, o que seria o primeiro giro da Roda do Dharma. O Tathagata viu que os cinco excelentes discípulos – Ajñyatakaundinya, Ashvajit, Bashpa, Mahanama e Bhadrিকা – tinham mentes puras e que suas mentes seriam fáceis de domar. Eles compreenderiam tudo facilmente. Eles tinham pouco apego, aversão e ignorância e também serviram ao nosso Guia quando ele estava suportando as austeridades, antes de seu despertar. Eles estavam concentrados no caminho sublime e estavam livres de forças obstrutoras.

O Bhagavan concluiu que se ele ensinasse o Dharma a eles, eles seriam capazes de entender seu significado. Sabendo que eles compreenderiam o significado do Dharma e que não se voltariam contra ele, o nosso Mestre viajou pela terra, passando

pelo reino de Magadha, Kashi e Gayadhara, e chegou ao Parque dos Cervos, na Colina dos Sábios Caídos, perto de Varanasi.

Os cinco discípulos excelentes viram o Tathagata se aproximando à distância. Chegando mais perto, seu imenso esplendor e brilho os surpreenderam. Eles se levantaram de seus assentos, lavaram seus pés, deram-lhe as boas-vindas, sentaram-se de um lado e se dirigiram ao Tathagata: "Venerável Gautama, seus sentidos estão claros e a tonalidade da sua pele é perfeitamente pura! Você percebeu diretamente a consciência pura dos aryas?". Seu corpo brilhava com uma luminosidade tão resplandecente que eles se perguntaram se ele havia atingido o estado de buddha. O Bhagavan respondeu: "Bhikshus, eu percebi diretamente o caminho da imortalidade. Bhikshus, eu sou o Desperto. Sou o Onisciente. Exauri todas as falhas".

O Desperto disse a eles: "Venham aqui! Eu ensinarei o Dharma". Antes de encontrar o Bhagavan na região de Varanasi, os cinco companheiros anteriores usavam as insígnias das doutrinas tirthika que estavam praticando. Em seguida, eles as descartaram e passaram a usar os símbolos dos bhikshus: os mantos monásticos e a tigela de esmolas que seguravam em suas mãos. Eles respeitosa e inclinaram suas cabeças aos pés do nosso Guia, o Bhagavan, e se sentaram diante dele. Foi naquela ocasião que o Tathagata começou a girar a Roda do Dharma.

Para estes discípulos afortunados, os cinco excelentes discípulos, o nosso Guia girou a preciosa Roda do Dharma que demonstra as Quatro Nobres Verdades: a insatisfação, a origem da insatisfação, a cessação da insatisfação e o caminho que leva a essa cessação. Explicando as Quatro Nobres Verdades por meio de uma metáfora, o venerável Protetor Maitreya diz no *Tratado do Continuum Insuperável*:

*A doença deve ser conhecida e sua causa eliminada,*

*o bem-estar deve ser alcançado e o tratamento deve ser seguido.*

*Da mesma forma, a insatisfação, sua causa, sua cessação e o caminho,*

*deve ser conhecida, eliminada, alcançada e seguida.*

Maitreya diz que a verdade da insatisfação é como uma doença. A causa da insatisfação, a verdade da origem, é semelhante ao que causou a doença. A verdade da cessação é como o estado de bem-estar alcançado após a remoção da doença. E a verdade do caminho é como seguir o tratamento que irá curar a doença. Resumindo, para eliminar a insatisfação, a causa da insatisfação deve ser eliminada. E para alcançar a verdade da cessação, a verdade do caminho que leva a ela deve ser seguida.

Assim, o Desperto girou a Roda do Dharma que deriva das Quatro Nobres Verdades. Portanto, ao ouvir a expressão "Roda do Dharma" como ela deve ser entendida? Os ensinamentos explicam que o Dharma, que é a Roda do Dharma, é de dois tipos: o Dharma das escrituras e o Dharma da realização — como geralmente ouvimos falar. Eles também são chamados de Dharma dos ensinamentos e Dharma da realização. Dharma dos ensinamentos refere-se aos doze ramos das escrituras. Quanto ao Dharma da realização, ele é entendido principalmente como as qualidades adquiridas a partir do caminho da visão em diante, ou a consciência pura dos seres sublimes, ou as qualidades dos caminhos trilhados pelos seres sublimes.

Por que se diz que o Dharma é uma roda? Isso é devido às características e funções semelhantes que são compartilhadas pelo Dharma e por uma roda. Esta roda que é uma arma destrói qualquer objeto que esteja em seu caminho quando girada e as rodas de uma carruagem transportam uma carga, como um monte de grama, de um lugar para outro. Da mesma forma, os dois tipos de Dharma, dos ensinamentos e da realização, destroem as emoções aflitivas das mentes dos seres a serem domados e as realizações são progressivamente transportadas para as mentes desses seres. Aqui, "transportadas" é outra maneira de descrever o surgimento do Dharma da realização, ou a roda do Dharma da realização, nas mentes dos discípulos.

Isso aconteceu quando o nosso Guia ensinou pela primeira vez a Roda do Dharma que expõe as Quatro Nobres Verdades aos cinco excelentes discípulos em Varanasi. Ajñyatakaundinya e os outros ouviram o ensinamento, praticaram-no e deram origem ao Dharma da realização em suas mentes. Em seguida, eles o ensinaram a seus respectivos alunos, que também ouviram, praticaram e deram origem a essa realização, a Roda do Dharma.

Então, de acordo com as várias capacidades, pensamentos e desejos de cada um dos seres a serem domados, o Onisciente, nosso Mestre, deu uma quantidade inconcebível de ensinamentos específicos. Ele fez isso porque cada um dos inúmeros desejos específicos dos seres a serem domados exige um ensinamento específico correspondente, assim como cada doença específica, dentre todas as que assolam este mundo, exige um tratamento específico para curá-las. Isso explica por que o nosso Guia expôs inúmeros segmentos do Dharma.

Entre eles, na montanha do Pico do Abutre, o Buddha girou a Roda do Dharma da Ausência de Características (o corpo intermediário dos ensinamentos), os *Sutras da Sabedoria Transcendente*<sup>[24]</sup>. Em Vaishali e em outros lugares, ele girou a Roda do Dharma que Revela de Forma Excelente e Completa (o corpo final dos ensinamentos), incluindo sutras como o *Elucidando a Intenção Iluminada*<sup>[25]</sup>. Assim, o Buddha girou extensivamente a roda do Dharma<sup>[26]</sup>.



A Décimo Segundo Ato: A Demonstração de sua  
Passagem para o Parinirvana

## A Décimo Segundo Ato: A Demonstração de sua Passagem para o Parinirvana

**C**omo diz o *Louvor aos Doze Atos* de nosso Guia Shakyamuni:

*Prostrações àquele que para estimular os preguiçosos a seguir o Dharma,*

*abandonou seu corpo, embora imortal e como um vajra,*

*e passou para o parinirvana*

*na morada pura de Kushinagar.*

Após o nosso Mestre Bhagavan completar todas as atividades de domar a mente dos discípulos neste reino búdico, enquanto estava no reino de Malla, ele apresentou sinais de doença após ter comido sua última refeição, a qual fora oferecida pelo ferreiro Chunda. Ao chegar em Kushinagar, ele se deitou na postura do sono dos leões em sua última cama entre duas árvores shala.

Essa postura consiste em deitar-se sobre o lado direito do corpo. Devemos entender que nosso Guia tinha controle sobre

o nascimento e a morte. Ele estava livre de todos os sofrimentos associados ao nascimento, à velhice, à doença e à morte e havia atingido o nível da imortalidade vajra. Isso pode ser traçado até o momento após o despertar manifesto e completo em Bodhgaya, quando ele declarou: "Aqui, coloquei um fim aos sofrimentos sem início do nascimento, da velhice e da morte". Nesse momento, o Buddha já havia obtido controle sobre o nascimento e a morte e estava liberado dos quatro grandes rios de sofrimento. Isso é corroborado por Arya Maitreya em um de seus tratados:

*Os seres sublimes eliminaram pela raiz  
os sofrimentos do nascimento, da morte e da velhice.*

No entanto, o *Sutra da Suprema Luz Dourada*<sup>[27]</sup> afirma:

*O Buddha não passa para o nirvana;  
e o Dharma não desaparecerá.  
Entretanto, no intuito de amadurecer os seres sencientes,  
ele passa ou demonstra passar para o nirvana.*

O Desperto mostrou a passagem para o parinirvana aos discípulos que estão agarrados à permanência, no intuito de

direcionar suas mentes para o Dharma, para que refletissem sobre a impermanência e a compreendessem. É extremamente importante entender ou integrar a impermanência. O Nosso Guia diz em um sutra:

*Bhikshus, pensar na impermanência é fazer oferendas ao Buddha.*

*Pensar na impermanência é receber do Buddha a profecia [de sua própria libertação].*

*Pensar na impermanência é ser abençoado pelo Buddha.*

*Bhikshus, entre as pegadas, a do elefante é a suprema;*

*entre os pensamentos, o da impermanência é o supremo.*

Portanto, se a impermanência não for apenas algo que ouvimos e entendemos, se não for apenas uma palavra que falamos da boca para fora, mas se, ao invés, formos capazes de integrar a compreensão da impermanência em nossa mente e percebê-la com base em uma firme convicção, seremos naturalmente capazes de superar nosso desejo por qualquer objeto externo ou interno, por todo o mundo externo e todos os seus habitantes. Isso nos permitirá eliminar qualquer desejo intenso proveniente de emoções aflitivas, como aquele que temos em relação às nossas casas, a qualquer parcela de nossa riqueza ou posses, a qualquer pessoa de nossa família, a nossos parentes ou a qualquer outra pessoa.

Atualmente, no decorrer de nossa vida, nossos fortes desejos nos levam a realizar muitas ações negativas, o motivo pelo qual experimentamos no passado e continuamos experimentando uma grande quantidade de insatisfação. Mas se formos capazes de compreender e perceber completamente a impermanência, seremos capazes de eliminar nossos desejos. Além disso, se formos capazes de contemplar corretamente a impermanência, naturalmente nos tornaremos diligentes: por meio dessa contemplação, a ideia de adiar a prática do Dharma para amanhã e depois de amanhã, ou até nossa velhice, desaparecerão. Sentiremos a necessidade de praticar o Dharma diligentemente agora mesmo. Naturalmente, teremos pensamentos como: "Agora mesmo, devo ser diligente na prática do Dharma!" Tal como foi afirmado:

*Será que o amanhã ou a próxima vida*

*Acontecerá primeiro? Ninguém sabe!*

*Portanto, abra mão dos seus esforços para o amanhã*

*E não poupe esforços para sua próxima vida.*

Isso é verdade! Sem dúvida, acontece de pessoas com boa saúde, que estão em plena juventude, serem subitamente atingidas por circunstâncias adversas e morrerem antes de sequer verem o

dia seguinte. Além disso, se contemplarmos a impermanência em sua totalidade, podemos nos abster de realizar ações negativas, que são as causas do sofrimento, e sentir entusiasmo pelas ações positivas. É assim que pensar na impermanência neutraliza nossas deficiências e elimina nosso sofrimento. Além disso, a firme convicção sobre a natureza impermanente nos levará a perceber a natureza última dos fenômenos. A compreensão completa da natureza impermanente ou, em outras palavras, da natureza relativa dos fenômenos, nos levará ou nos ajudará a alcançar a realização da realidade última. Os tratados sobre Madhyamaka dizem:

*A verdade convencional é o método,*

*A verdade última é o resultado de sua aplicação.*

E também:

*Sem confiar no convencional,*

*a realidade última não será percebida.*

*Sem a realização da realidade última,*

*o nirvana não será alcançado.*

Portanto, é extremamente importante integrar a impermanência, contemplar sobre a impermanência e gerar uma firme convicção a respeito dela.

Uma vez que a demonstração da passagem para o parinirvana, o décimo segundo entre os doze atos do Buddha – seus atos mais importantes – não parece ser relatada neste sutra, *A Vasta Exibição*, eu só utilizei este texto como fonte para os primeiros onze dos doze atos, e recorri a outros sutras para o último.

## Considerações Finais

**E**m resumo, quatro dos doze são grandes atos: o nascimento, o despertar, o girar da Roda do Dharma e a passagem para o parinirvana. Os locais onde esses quatro grandes atos aconteceram são pontos de peregrinação extremamente importantes. O próprio Guia disse no *Vinaya Agama* o quão importante seria peregrinar para os locais onde os quatro grandes atos aconteceram após sua passagem para o parinirvana. Assim, como budistas e seguidores do nosso Guia, o Bhagavan, é de grande importância que visitemos esses quatro grandes locais de peregrinação pelo menos uma vez durante nossa vida. Pelo menos uma vez, devemos definitivamente ir a cada um desses quatro locais sagrados. Quando estivermos lá, é de grande importância que realizemos o máximo de virtude possível. Algumas pessoas que vão lá às vezes acumulam muitas ações desvirtuosas e, outras vezes, muitas ações virtuosas. Realmente só depende de nós se iremos realizar ações virtuosas ou desvirtuosas enquanto estivermos

lá. No geral, as bênçãos especiais dos locais de peregrinação aumentam o poder de qualquer ação virtuosa ou desvirtuosa que façamos. Por exemplo, da mesma forma que as ações virtuosas e desvirtuosas são multiplicadas por cem mil durante o mês de Saga Dawa, ações virtuosas e desvirtuosas realizadas em locais de peregrinação também se tornam mais poderosas por causa das bênçãos do local. Isso é válido tanto durante o mês de Saga Dawa quanto em outros meses. Portanto, as pessoas que cometem ações negativas enquanto estão em um grande local de peregrinação acumularão um karma negativo muito maior e mais pesado.

Por outro lado, o *Prajñaparamita* diz que, se uma prática do Dharma perfeitamente pura for baseada em uma motivação perfeitamente pura, benefícios vastos e inconcebíveis podem ser obtidos. Por essa razão, é importante sempre garantir que nos esforcemos para realizar virtudes e abandonar ações negativas. Precisamos fazer isso cuidadosamente com base na atenção plena e na vigilância. É especialmente importante ser ainda mais cuidadoso do que o normal durante os dias sagrados e quando visitamos locais importantes de peregrinação.

Gostaria de dizer algumas palavras sobre o meio ambiente, já que a natureza e, em particular, as árvores compartilham uma conexão direta com os atos do nosso Mestre. Como vimos,

Mayadevi segurou o galho de uma árvore preciosa, uma plaksha extraordinária e sublime, quando nosso Guia, o Bhagavan, nasceu. Também foi sob a árvore Bodhi que nosso Guia manifestou o despertar perfeito e, em seguida, na floresta dos cervos, na colina dos Sábios Caídos (Rishipatana), ele girou pela primeira vez a Roda do Dharma. Finalmente, foi cercado por duas árvores shala que ele realizou seu último feito, a passagem ao parinirvana. Cada um dos seus quatro grandes atos está relacionado com a natureza, e especialmente com as árvores. Portanto, nós budistas também devemos cuidar do meio ambiente e devemos protegê-lo. Isso é de grande importância. No entanto, a importância do meio ambiente não começou a ser uma preocupação da humanidade durante o século XX ou XXI. Muito antes disso, mestres budistas já atribuíam grande importância ao meio ambiente, como podemos ler no *Entrando no Caminho do Bodhisattva*<sup>[28]</sup> de Shantideva:

*Se nos pegarmos cavando o chão, cortando grama  
ou esculpindo desenhos no solo sem motivo,  
devemos lembrar dos preceitos do Sugata  
e, com receio, parar naquele mesmo instante.*

Além disso, o mais importante é gerar uma devoção firme e inabalável, do fundo de nossos corações para com nosso Mestre, o Bhagavan. Nosso Mestre, o Buddha, é extremamente precioso para nós. Ele é extremamente precioso não apenas porque somos seus seguidores, não apenas por nosso carinho por ele, mas porque é a pura verdade que o nobre Dharma que ele ensinou é virtuoso no começo, virtuoso no meio e virtuoso no fim. Pelo simples fato de o nobre Dharma ser válido, não enganador e autêntico, nosso Guia, aquele que o ensinou, é estabelecido, da mesma forma, como sendo válido, autêntico e não enganador.

Prestar homenagem e fazer oferendas ao nosso Guia é um costume que temos e devemos mantê-lo. Para isso, devemos colocar uma estátua, uma thangka ou uma imagem do Buddha em um altar em nossas casas e considerar o seguinte ao fazer oferendas e prostrações: não devemos pensar que o objeto de nossas prostrações e oferendas é apenas uma estátua, uma pintura ou uma imagem, mas devemos considerar que é o Buddha em pessoa. Devemos considerar que nosso Mestre está realmente presente diante de nós e que ele incorpora em uma única pessoa todos os buddhas das dez direções e dos três tempos. Com base em tal visualização, definitivamente poderemos colher benefícios inconcebíveis e acumular vastas quantidades de méritos se, motivados pela renúncia, bondade

amorosa e bodhichitta no início, e dedicando perfeitamente os méritos para a o despertar completo de todos os seres sencientes no final, realizarmos da melhor forma possível ações como prostrações, oferendas, as sete tigelas de oferendas comuns, e assim por diante, na presença do Buddha. Devemos também pensar que estamos constantemente na presença dos buddhas e bodhisattvas. O Mestre Shantideva diz no *Entrando no Caminho do Bodhisattva*:

*Os Buddhas e bodhisattvas*

*vêm incessantemente sem bloqueios.*

*Pensando: "Eu estou o tempo todo*

*na própria presença de todos eles",*

*cultive decência, respeito e temor.*

*A pessoa que faz isso irá constantemente*

*recordar as qualidades do Buddha.*

Se pensarmos o tempo todo que todos os buddhas e bodhisattvas e seus séquitos veem constante e diretamente cada ação de nosso corpo, fala e mente, que veem diretamente todas as nossas boas ações, mas também todas as más, naturalmente nos sentiremos desconfortáveis e nos impediremos de fazer

ações desvirtuosas. Naturalmente, pensaremos "Como eu poderia fazer algo negativo na presença do Bhagavan?! É melhor não fazer nenhuma ação desvirtuosa. Eu sentiria vergonha de fazer qualquer coisa desvirtuosa." Dessa forma, evitaremos ações negativas naturalmente e nos engajaremos com alegria e entusiasmo em ações virtuosas.

Finalmente, gostaria de pedir a todos vocês que considerem que nossa testemunha constante é a lei infalível de causa e efeito; que nosso Mestre, o Buddha, cuida constantemente de nós; e que pratiquem o nobre Dharma sempre de maneira pura, para realizar a virtude e abandonar as ações negativas sem nunca limitar seus esforços. Obrigado.

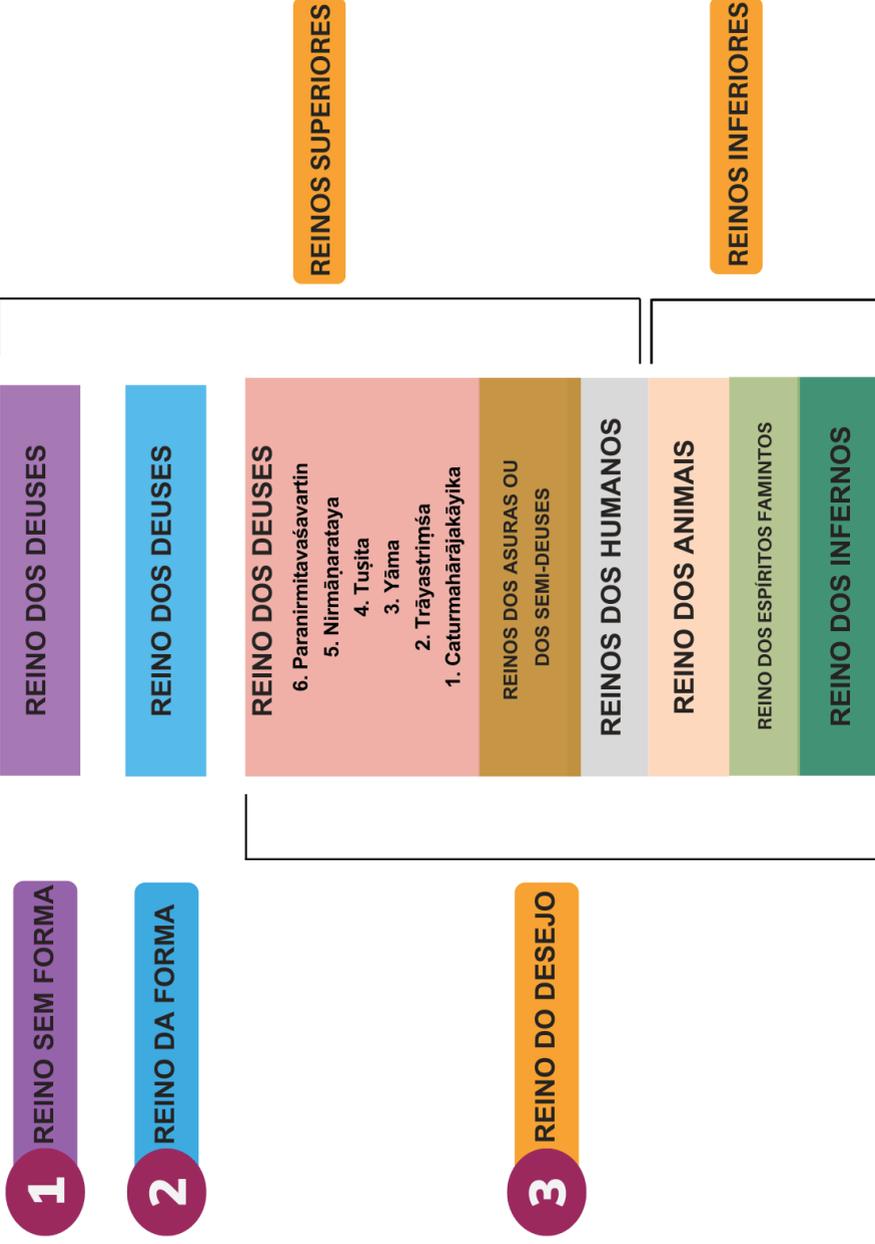
## Notas

1. *Bhadra Kalpika Sūtra*
2. *Tathāgata Acintya Guhya Nirdeśa Sūtra*
3. Os ensinamentos gerais do Mahayana explicam que um ser senciente comum acumula mérito e sabedoria durante “três incontáveis grandes éons” (reduzido aqui para três incontáveis éons) antes de alcançar a iluminação. No Abhidharma, um “incontável” ou “inumerável” é um número que equivale a 10 elevado sexagésima potência. Um grande kalpa, ou éon, é o tempo que decorre desde o início da formação de um sistema de mundo até o fim do período vazio que se dá após sua destruição. De acordo com a experiência dos seres humanos, um grande kalpa dura 3.397.706.240.000.000 anos.
4. Comumente chamados de “os quatro maras”. São quatro personificações dos obscurecimentos que impedem o despertar. Os quatro demônios, ou maras, são o mara divino (as distrações dos prazeres mundanos), o mara do Senhor da Morte, o mara dos skandhas (que refere-se ao corpo), e o mara das aflições mentais.
5. Aqui, Tathagata Shakyamuni, se refere a um buddha homônimo anterior ao Buddha Shakyamuni, porém surgido em outro éon.
6. *Triskandhaka Sūtra*
7. *Triskandhaka Sūtra*
8. *Madhyamakāvatāra*

9. São as trinta e duas marcas maiores e oitenta menores que caracterizam a forma física perfeita de um buddha nirmanakaya, como marcas de rodas nas palmas das mãos e solas dos pés, e unhas cor de cobre tanto nas mãos como nos pés, entre outras.
10. Ghanavyūha Akaniṣṭha
11. *Madhyamakāvātāra*
12. *Lalitavistara Sūtra*
13. *Mahāyānottaratantra Śāstra*
14. *Dvādaśakāra Nāma Stotra*
15. Nirvana é a liberação definitiva do sofrimento. Este termo sânscrito significa “extinção”, pois as causas do samsara se “extinguem”. Em tibetano, se traduz como "a transcendência do sofrimento".
16. *Asura*, em sânscrito. Aqui, diferentemente da mitologia ocidental, os semideuses não são filhos de deuses com humanos, mas compõem um dos seis reinos do samsara – superior aos humanos, mas inferior aos deuses (*devas*).
17. *Pitāputrasamāgama Sūtra*
18. O termo se refere a qualquer não-budista, mas como ainda não existia um budismo enquanto religião ou caminho espiritual, usar “não-budistas” seria anacrônico. A palavra para “budista” em tibetano é *nang pa* (internalista), alguém que olha para sua própria natureza, enquanto “não-budista” ou “externalista” é *phyi rol pa*, alguém que olha para fora, que busca externamente.

19. Oito classes de deuses e demônios. Todos eles foram capazes de receber e praticar os ensinamentos do Buddha. Existem diversas descrições, mas nos sutras, a mais genérica é a apresentada aqui.
20. *Dhyāna*, em sânscrito.
21. Esta é a terceira concentração meditativa do reino sem forma (*ārūpya samāpatti*).
22. Mara é o principal deus do céu mais elevado do reino do desejo. Ele tentou impedir o Buddha de alcançar a iluminação e não deseja que nenhum ser escape do samsara. Os maras são os deuses e demônios sob seu comando. Além disso, eles simbolizam os defeitos internos de uma pessoa que a impedem de despertar.
23. Estes versos se encontram no *Sutra da Vasta Exibição (Lalitavistara Sūtra)*.
24. *Prajñāpāramitā Sūtra*
25. *Saṅghinirmocana Sūtra*
26. Já que o corpo inicial dos ensinamentos, chamado de Roda do Dharma das Quatro Nobres Verdades, já foi explicado nos parágrafos anteriores, Sua Santidade refere-se apenas aos dois corpos finais nesta seção. Os ensinamentos do Buddha são tradicionalmente divididos nesses três corpos, cada um recebendo a designação de Roda do Dharma.
27. *Suvarṇaprabhāsa Sūtra*
28. *Bodhicāryavatāra*

# Os Três Reinos do Saṃsāra



# As Cinco Vias e os Dez Bhūmis do Caminho do Bodhisattva



A VIA DA ACUMULAÇÃO
<b>Os Três Estágios</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• Pequeno</li><li>• Médio</li><li>• Grande</li></ul>

A VIA DA JUNÇÃO
<b>Quatro Estágios</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• Calor</li><li>• Apogeu</li><li>• Paciência</li><li>• Excelente Dharma</li></ul>

A VIA DA VISÃO
Primeiro Bhūmi

A VIA DA MEDITAÇÃO
Do Segundo Bhūmi ao Nono Bhūmi

A VIA SEM APRENDIZAGEM
Décimo Bhūmi

O Estágio dos Seres Comuns

O Estágio dos Nobres Bodhisattvas

A budeidade





■ Sua Santidade, o 42° Sakya Trizin, Ratna Vajra Rinpoche, é o filho mais velho de Sua Santidade Sakya Trichen ( 41° Sakya Trizin). Reconhecido pela erudição e clareza dos seus ensinamentos, Sua Santidade o 42° Sakya Trizin é considerado um dos detentores de linhagem mais qualificados da tradição budista tibetana. Pertence à nobre família Khön, cujas gerações sucessivas têm proporcionado uma linhagem ininterrupta de mestres extraordinários.

Desde a sua juventude, Sua Santidade o 42° Sakya Trizin tem recebido um oceano de ensinamentos sobre os sutras e os tantras, iniciações, transmissões e instruções essenciais de Sua Santidade o Sakya Trichen, bem como de muitos outros mestres eruditos e realizados. Após anos de estudos rigorosos de filosofia no Colégio Sakya na Índia, Sua Santidade recebeu o grau de kachupa. E a partir dos doze anos de idade completou numerosos retiros de meditação, incluindo o retiro Hevajra. Com extrema humildade, ele viaja extensivamente para dar ensinamentos e iniciações a pedido de estudantes de todo o mundo.



**"The Sakya Tradition" - Apresentando os Preciosos Ensinamentos de Sakya de maneira precisa e completa em suas línguas nativas.**

[www.sakyaatradition.org](http://www.sakyaatradition.org)

2024@All Rights Reserved